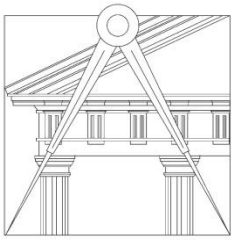
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA



Construir no construído:

Retomar o pátio como gerador de novas soluções de habitar colectivo

Michel Hugo Teixeira Vieira
(Licenciado)

Dissertação/Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Cientifico:

Orientador científico: Professor Doutor Paulo Pereira Almeida
Co-orientador científico: Professor Doutor Miguel Calado Baptista Bastos

Júri:

Presidente: Doutora Isabel Maria Augusta De Sousa Rosa

Vogal e Orientador: Doutor Paulo Pereira Almeida

Vogal e Co-Orientador: Doutor Miguel Calado Baptista Bastos

Vogal: Doutora Ana Marta Das Neves Santos Feliciano

Lisboa, FAUTL, Fevereiro, 2013

Título da Dissertação: Construir no construído: Retomar o pátio como gerador de novas soluções de habitar colectivo.

Nome do Aluno: Michel Hugo Teixeira Vieira

Orientador: Professor Doutor Paulo Pereira Almeida

Co-orientador: Professor Doutor Miguel Calado Baptista Bastos

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitectura

Data: Fevereiro de 2013

RESUMO

O principal objectivo desta dissertação é entender como o pátio pode ser um gerador de habitar colectivo e assim um elemento determinante de projecto.

Com o objectivo de se obter uma visão mais ampla, procede-se a uma análise às características presentes no arquétipo do pátio, de forma a entender o que este tem de comum ao longo da história, em diferentes partes do mundo.

De forma a entender a sua evolução, é necessário fazer um estudo do pátio na arquitectura popular portuguesa, como forma de entender como é apreendido o pátio num ambiente em que a arquitectura se elabora de acordo com o lugar.

A introdução do pátio e a sua evolução em Lisboa é igualmente importante para uma análise que pretende entender o carácter comunitário deste espaço, fazendo-se um estudo mais detalhado das vilas operárias com o objectivo de perceber como este elemento aportava o carácter comunitário.

Para concluir esta dissertação, abordam-se alguns casos contemporâneos de requalificações de pátios, onde foram criados espaços mais dinâmicos através da introdução de novas funções.

Os diversos campos retratados, permitiram dar uma imagem mais clara do quanto inerente está o habitar colectivo no pátio e obter, assim, uma referência de como potenciar essa qualidade.

Palavras-chave: Pátio, vila operária, habitar colectivo, privado, interioridade.

Título da Dissertação: Construir no construído: Retomar o pátio como gerador de novas soluções de habitar colectivo.

Nome do Aluno: Michel Hugo Teixeira Vieira

Orientador: Professor Doutor Paulo Pereira Almeida

Co-orientador: Professor Doutor Miguel Calado Baptista Bastos

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitectura

Data: Fevereiro de 2013

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to understand how the courtyard can be a generator of collective dwelling and thus become a determinant factor in the project.

In order to obtain a broader view, we proceed to analyze the characteristics that are present in the archetype of the courtyard in order to understand what this has in common throughout history, in different parts of the world.

In order to understand its evolution, it is necessary to make a study of the courtyard in popular Portuguese architecture as a way to understand how the court is perceived in an environment where the architecture is elaborated according to the place.

The introduction of the courtyard in Lisbon and its development is also important for an analysis which attempts to understand the nature of this communal space, making a more detailed study of the workers' villages in order to understand how this element had the Community character.

To conclude this dissertation, a study of some contemporary cases of requalificated courtyards is made. These are spaces that gain a new dynamic through the introduction of different functions.

The various fields covered, provided a clearer image as how inherent it is for the courtyard to aggregate a sense of communal dwelling while also enhancing the quality of the life within.

Key-words: Courtyard, Workers village, collective dwelling, private, interiority

Agradecimentos:

A realização deste trabalho foi possível devido ao apoio prestado por diversas pessoas às quais eu gostaria de deixar o meu grande agradecimento.

Ao Professor Doutor Paulo Pereira Almeida (Orientador) e ao Professor Doutor Miguel Calado Baptista Bastos (Co-Orientador), pela disponibilidade, simpatia, atenção e dedicação prestada ao longo do trabalho.

Aos meus caros colegas e amigos com quem passei várias horas de trabalho no mesmo espaço, em particular, Gustavo Costa, Inês Braz, João Pereira, Marcelo Ribas, Alexandra Andrade e Paulo Isak, e outros, que de uma forma directa ou indirecta contribuíram para o resultado final do trabalho realizado.

Gostaria também de agradecer à minha família, principalmente aos meus pais e irmã, que sempre me apoiaram com a maior paciência e carinho e nunca deixaram de estar presentes em todo o meu percurso.

Índice geral

1. Introdução 6
2. Estado da Arte 7
3. Definição e características patentes no Arquétipo do Pátio 9
3.1 Definição de pátio 9
3.2 Características e potenciais patentes no Arquétipo do Pátio 9
3.3 Reinterpretação do pátio na arquitectura moderna e contemporânea 12
4. O pátio na arquitectura popular 20
4.1 Casa de Lavoura no Douro Litoral 20
4.2 Casa de Lavoura no Minho 22
4.3 Casa em Trás-os-Montes 23
4.4 Herdade no Alentejo 25
4.5 Quinta no Algarve 26
5. O pátio em Lisboa 28
5.1 Breve história do percurso do pátio em Lisboa (séc. VII – séc. XIX) 28
5.2 As vilas operárias em Lisboa - A introdução do pátio rural no meio urbano 30
5.2.1 Vilas formando pátio 32
5.2.2 Vilas construídas atrás de prédios 41
5.2.3 Vilas formando rua 43
5.2.4 Vilas de escala urbana 44
5.3 O pátio na actualidade lisboeta 47
6. Programa do projecto 51
6.1 Localização 51
6.2 Pré-existências 51
6.3 Intenções Gerais 51
6.4 Níveis de intimidade 53
6.5 Funções / programa 53
7. Conclusão 55
8. Bibliografia 56
9. Índice de imagens: 57
Anexo I – Desenhos técnicos 59

1. Introdução

O principal objectivo deste estudo é entender de que forma o pátio pode ser um espaço que potencia o habitar colectivo.

De modo a compreender este espaço é importante referir quais os parâmetros que definem um pátio e quais as características patentes que, de uma forma geral, se repetem nas diferentes fases da sua história e em diferentes civilizações, obtendo-se assim uma visão mais clara e abrangente do pátio.

Faz-se uma análise à arquitectura popular portuguesa e ao papel deste elemento ao longo da história, compreendendo a evolução da sua configuração e da forma como era usufruído, com o intuito de entender o fio condutor da evolução deste espaço.

Com vista a compreender como o pátio rural se adaptou ao meio urbano; neste caso à cidade de lisboa, é importante falar das vilas operárias, para se entender como os novos habitantes de Lisboa provenientes do meio rural, adaptaram o seu espaço aos hábitos e costumes trazidos do meio rural e como este espaço se configurou com vista a criar uma ponte entre o meio rural e o urbano.

A reinterpretação do pátio no século XX é fundamental para perceber como o movimento moderno adaptou este espaço às suas propostas. Será revisto de uma forma sucinta com o objectivo de analisar os potenciais alcançados.

A diferença entre o saguão e o pátio também vale a pena abordar. Ambos partilham características similares porém, ao estabelecermos a distinção entre estes dois espaços, podemos entender de que forma o pátio se torna mais atractivo que o saguão e promove a interactividade e vivências aos seus utilizadores.

Percebidas as origens, evoluções e a forma como o pátio pode ser um potenciador de habitar colectivo, com atenção ao “lugar” onde se insere, será proposto uma nova frente para o quarteirão vizinho à cordoaria, usando o pátio como elemento principal que relaciona e unifica os diferentes usos propostos para a intervenção.

2. Estado da Arte

Em termos do estado do conhecimento do tema tratado nesta dissertação, encontramos uma diversa bibliografia que aborda o pátio, dando maior ou menor destaque a este elemento. Como cada uma das referências abordam o pátio em diferentes contextos históricos, sociais, geográficos e retratam diferentes aspetos físicos e psicológicos, é através do cruzamento dos dados fornecidos por cada uma das referências, que chegaremos ao objectivo de obter a resposta para o tema desta dissertação.

O livro da autoria de Werner Blaser, *Patios – 5000 Años de Evolución Desde la Antigüedad Hasta Nuestros Días*, relata de uma forma geral, o pátio ao longo da história nas diversas partes do mundo, sendo complementado com o livro de Antón Capitel, *La Arquitectura del Pátio*, que faz algumas análises a campos diferentes dos casos relatados por Werner Blaser e com uma carga mais teórica, o que nos remete para a importância destes dois livros para o início de uma abordagem ao pátio.

A colecção com dois volumes da *Arquitectura Popular em Portugal* editado pela Ordem dos Arquitectos, dá-nos a conhecer a diversidade da arquitectura que encontramos pelo país. Fala-nos de uma forma geral das regiões e faz um enquadramento geral das condicionantes que influenciam as diferentes materializações e configurações do espaço. O pátio não ocupa um grande destaque nesta colecção porém, devido ao grande número de exemplos de habitações e casas de lavoura apresentadas, encontramos alguns casos que contêm o pátio. Mais do que analisar exclusivamente o pátio, é-nos possível entender o meio envolvente a este.

O livro *Arquitectura Tradicional Portuguesa* de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano também retrata a arquitetura popular portuguesa, sendo que, de uma maneira mais geral, dedica um dos seus subcapítulos às casas com pátio fechado, complementando o estudo efectuado nesta dissertação do pátio na arquitectura popular portuguesa.

Tendo em conta que o projecto prático, realizado com base na dissertação, é implantado em Lisboa, o livro *Pátios de Lisboa*, da autoria de Ana Cristina Leite, apresenta uma vertente histórica esclarecedora da evolução e da importância dos pátios na cidade em questão. Dando um pouco mais de foco as vilas operárias que constituem um capítulo importante no contexto dos pátios em Lisboa, como espaço de habitar colectivo, complementamos o estudo com o texto do Arq. Nuno Teotónio Pereira, *Pátios e Vilas de*

Lisboa, 1870-1930: A Promoção Privada do Alojamento Operário, que faz um relato mais aprofundado das vilas operárias. Tendo em conta a importância de um melhor entendimento sobre as vilas operárias, o texto produzido para o Seminário Estudos Urbanos, promovido pelo ISCTE e da autoria do Prof. Doutora Arqª Ana Leonor Tomás, com o nome *Cidade Oculta – A Vila Operária*, complementa alguma da informação destes espaços para uma melhor percepção.

Com o objectivo de conhecer melhor as semelhanças e diferenças entre o saguão e o pátio, é-nos importante saber distinguir ambos os espaços e realçar o que proporciona cada um deles. Para atingir este fim, a tese de doutoramento do Prof. Doutor Arq. Nuno Miguel Arenga Reis, *O Saguão na Habitação Urbana – O Interior da Casa em Torno de Um Vazio Vertical Nuclear*, apresenta de uma forma muito clara e extensa a informação necessária para o capítulo desenvolvido na presente dissertação.

A dissertação de mestrado da Arqª. Monise Campos Pereira, *O Pátio Interno Como Arquétipo*, também se apresenta como uma leitura interessante para a melhor compressão do pátio, explicando a importância deste espaço, com abordagens a nível da fenomenologia do espaço e da relevância do arquétipo do pátio para o Homem. Apesar de pouco abordada na presente dissertação, esta revelou-se importante na percepção do pátio.

De forma a obter algumas orientações práticas para a configuração dos pátios presentes no projecto de final de curso, a dissertação de mestrado do Arq. Daniel Freire Borges Martins, *Renovação e Reabilitação de Interiores de Quarteirão na Baixa Chiado*, apresenta-nos alguns exemplos de requalificações de conjuntos de edifícios, que partilhavam o pátio no seu núcleo, fazendo uma análise ao sucesso ou insucesso obtido destas requalificações, baseando-se nos usos existentes que potenciaram o habitar dos pátios em estudo.

3. Definição e características patentes no Arquétipo do Pátio

3.1 Definição de pátio

Definição de pátio segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira:*

« s.m. Espaço cercado de muros ou de casa de habitação e anexo a um edifício(...);

Espaço que nos palácios e outros edifícios vai desde a entrada principal à escadaria; átrio, vestíbulo (...);

T. de Lisboa. Conjunto de casas pobres, geralmente em volta de um terraço, e correspondente às "ilhas" do Porto. (...);

Ant. Edifício ou aulas em que se professavam Humanidades nos colégios religiosos: frequentar o pátio».

Do verbo latino: ***Patēo, ēs, ui, ēre***, v. int. Estar aberto, exposto; estender-se; abrir-se; estar descoberto; manifestar-se; ser evidente[1]

3.2 Características e potenciais patentes no Arquétipo do Pátio

Para além de uma definição estrita, convém fazer um breve resumo das características principais presentes no arquétipo do pátio.

O pátio assume a sua posição central na organização do edifício, definindo a distribuição espacial e criando uma ligação do mundo interior com o exterior. Através desta ligação surgem as oportunidades de iluminação e ventilação dos espaços adjacentes ao pátio. Aliado a estas vantagens de carácter físico, convém não esquecer as vantagens a nível psicológico e social; sendo que, é neste espaço que o homem obtém o seu mundo exterior privado. Sujeito às condições climáticas, este espaço controlado de contacto com a natureza, oferece ao homem uma sensação de intimismo e segurança, tornando-se assim o

[1] - Pequeno Dicionário Latino-Português. São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 3ª ed., 1950. p. 1324. In REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. Os pátios internos em climas tropicais à luz do conforto ambiental. Dissertação. Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

centro do seu mundo. Este é o elo de ligação do homem com o céu e o ponto de encontro do homem consigo mesmo, havendo associações de alguns autores à forma mandálica.[2]

> « El hombre necesita un espacio de paz y de recogimiento que le proteja del espacio exterior, hostil y desconocido, pero que, sin embargo, participe del día y de la noche, del sol y de la luna, del calor, del frio y de la lluvia. Este espacio, que está sometido al paso de los días y las estaciones, es decir, a las reglas que determinan la existencia, es el "patio".»[3]

O pátio assume-se sem uma "imposição" relativa a sua forma e dimensões, podendo encontrar-se encerrado por paredes ou parcialmente aberto. A maior "imposição" que terá, é dada pelas proporções das suas áreas com as paredes que delimitam este espaço, oferecendo uma liberdade compositiva das quais originaram, por exemplo, o pátio ajardinado, claustros, pátios de escolas, pátio de armas, pátio de prisões, saguões, etc… (Johannes Spalt, 2004)

Numa escala menor, o carácter utilitário e configurador do espaço presente no pátio, apresenta-se na arquitectura do meio rural, através das suas casas de lavoura, de uma forma evidente e simples. Nesta arquitectura que evolui lentamente e que se adapta conforme a envolvente e as necessidades dos seus moradores, o pátio apresenta-se como um espaço que cria a ligação entre as áreas de trabalho e a casa, criando uma unidade no conjunto. Porém apresenta a qualidade de manter a independência de cada um destes espaços. A potencialidade de organizar e ao mesmo tempo conferir ao pátio um carácter comunitário está fortemente presente na casa chinesa. Segundo Johannes Spalt, a maioria das casas apresentam-se como habitações unifamiliares que configuram um pátio comum, que mediante o crescimento das famílias, podem originar o aparecimento de outras habitações nas traseiras destas, intercalando-se entre pátios que criam os diferentes espaços ao mesmo tempo que os unem. Estas novas habitações que vão surgindo servem para albergar os novos elementos da família conforme as necessidades. Segundo o autor, isto sugere uma urbanização celular, o que demonstra a versatilidade adquirida através do pátio.

---

[3] (Blaser, 2004)



Fig. 1 – Vistas de casas com pátio em Soochow, china

De forma a entendermos melhor a habitabilidade de um pátio, convém entender o que é um saguão e qual a sua relação com o pátio, ou melhor, quais os parâmetros que distinguem o pátio de um saguão. Segundo Nuno Miguel Arenga Reis, o saguão tem as suas origens no pátio e nos poços ventiladores. De acordo com Johannes Spalt, através da redução das áreas dos pisos e do aumento das alturas dos edifícios, proporcionou-se a recorrência aos pátios de luz, em que alguns casos, frutos da especulação, facultava unicamente a ventilação. Este relato demonstra quais as condições em que surgiu o saguão, fazendo com que cheguemos a uma conclusão que está presente em muitos dicionários da língua portuguesa, que afirmam o saguão como sendo um pátio estreito ou um derivado do pátio. Porém, segundo Nuno Arenga, o saguão não possui a habitabilidade presente no arquétipo do pátio. Mesmo que acessível, o saguão não surge para proporcionar a permanência nele, sendo que as suas preocupações se centram em funções de carácter mais funcional (ventilação e iluminação) e na organização dos interiores das casas. O autor termina afirmando «... , arriscaríamos afirmar que o saguão se encontra nos antípodas do

pátio.». Com base nesta afirmação podemos concluir que o saguão poderá ter as suas potencialidades, porém não proporciona o habitar coletivo, apesar de eventuais analogias feitas entre este elemento e o pátio.

3.3 Reinterpretação do pátio na arquitectura moderna e contemporânea

Num período anterior ao movimento moderno, o pátio tinha sido "esquecido" devido ao crescimento das cidades em altura, adoptando-se o saguão, quando necessário, como uma solução adequada á realidade da cidade da época. É na arquitectura moderna que o pátio volta a ocupar um papel importante. Com a preocupação em reformular, e divergir de, alguns conceitos académicos provenientes do classicismo, este movimento tem como uma das suas principais preocupações a qualidade de vida do ser humano proporcionada pela arquitectura e pelo urbanismo, fazendo com que houvesse a adopção do pátio como um dos potenciais elementos estruturantes. Apesar de não ter sido um elemento que aparecesse com muita frequência nos projectos dos arquitectos que se assumiram como os principais propulsores do movimento moderno e que «La ordenación en torno a patios ya no ocupó una posición que pudiera describirse en absoluto como principal (…) sin embargo, no dejó de existir del todo. Se transformó por completo en otra cosa de lo que había sido en el pasado, pero en esa transformación puede decirse que tomó una nueva vitalidad (…) » (Capitel, 2005)

Corbusier foi um dos arquitectos que contribuiu para a reinterpretação do pátio. Através do projecto *inmuebles-villa*, o arquitecto introduz o pátio na construção em altura, oferecendo este espaço a cada um dos apartamentos que constituíam o projecto. O pátio surge assim numa posição elevada, ascendendo do solo e respondendo à construção vertical que se verificava então. Os apartamentos aparecem dispostos em "L", o que resultaria nos primórdios da formulação do novo arquétipo da casa-pátio usado por muitos arquitectos de aí em adiante. O pátio apresenta-se limitado em três lados e com uma abertura horizontal fulcral para a adopção do pátio em altura. O pátio já não se apresentava como um elemento que se abria para o céu, e respondia à tentação, resistida ao longo da história, de criar vistas para o exterior sem que este perdesse o seu carácter intimista e de segurança. Este caso também está patente no projeto da *Villa Savoye* em que o pátio se desenvolve no piso nobre da casa, assumindo o seu compromisso de ter a abertura para o céu, e o desejado rasgo num dos seus limites de forma a poder permitir as vistas para o exterior da casa. (Capitel, 2005)

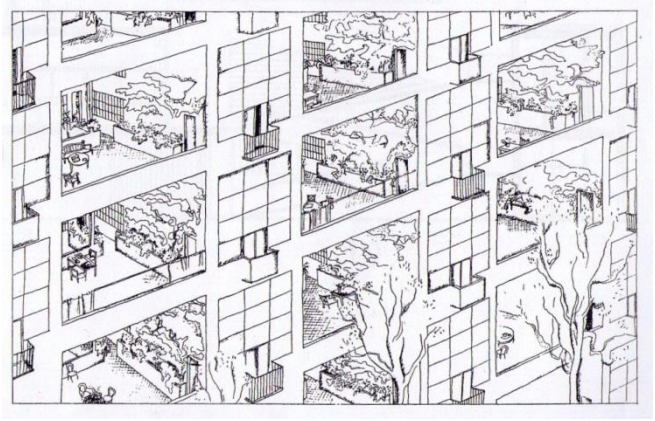


Fig. 2 – Perspectiva das fachadas do Inmeubles-Villas

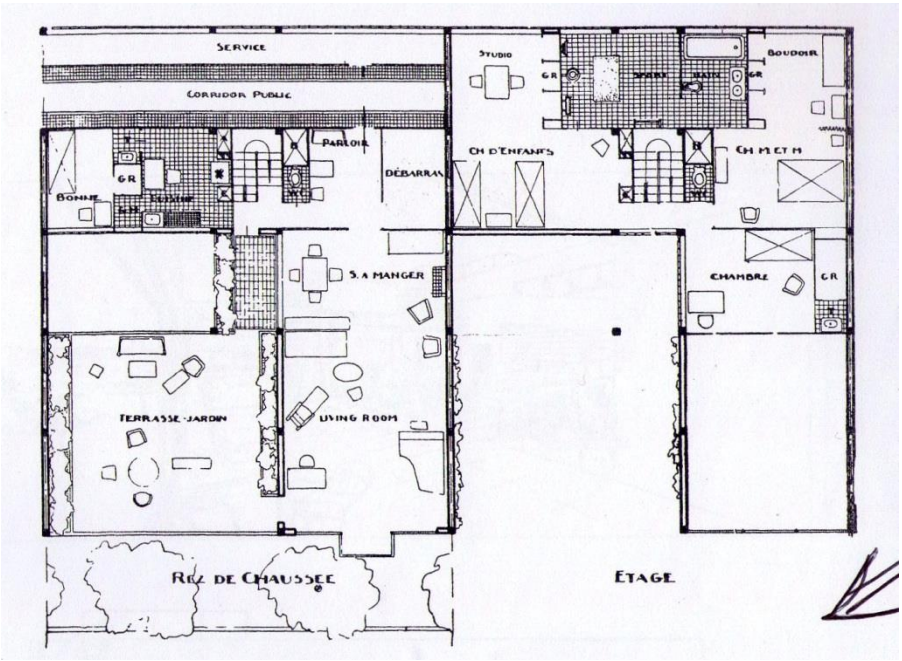


Fig. 3 – Planta dos Inmeubles-Villas

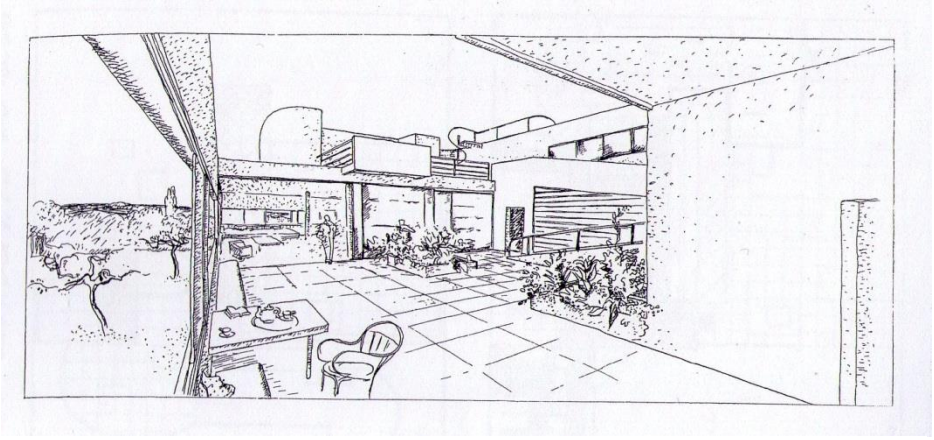


Fig. 4 – Vista da Vila Savoye

Na Villa Mairea, de Alvar Aalto, constatamos que o arquitecto também recorreu a uma maior abertura horizontal, porém com maior "extremismo". A casa apresenta uma forma em "L" contudo o pátio é definido através dos muros e galeria de acesso à sauna, apresentando a planta do conjunto, um esquema em "U". É através das paredes da casa, galerias, muros e árvores nos limites do terreno que o pátio é sugerido, em que Antón Capitel afirma que «… la casa es extraordinariamente abierta, pero sin que llegue a perder la condición de claustral».

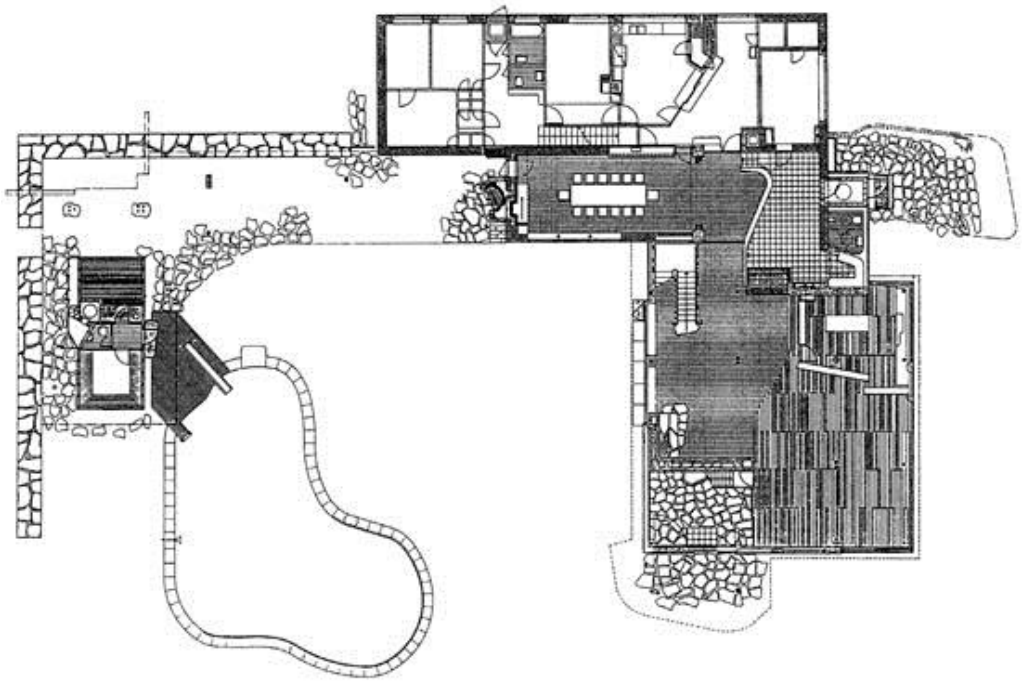


Fig. 5 - Planta da Vila Mairea

No Pavilhão Alemão para a Exposição Internacional de Barcelona, de Mies Van Der Rohe, podemos ver a utilização do pátio como um dos elementos que proporcionam, segundo Werner Blaser, uma arquitectura supra sensorial patente neste projecto. Estando a cobertura apoiada nos pilares que se destacam no edifício, as paredes que dividem o espaço apresentam uma maior versatilidade, sendo estas predominantemente em vidro e definindo os diferentes áreas sem nunca as encerrar completamente, criando uma abertura e continuidade entre todos os espaços. O pátio revela-se na sala sem cobertura, contendo um espelho de água que torna este espaço inabitável, porém enaltecendo o pátio como um elemento pertencente à arquitectura supra sensorial deste projecto.

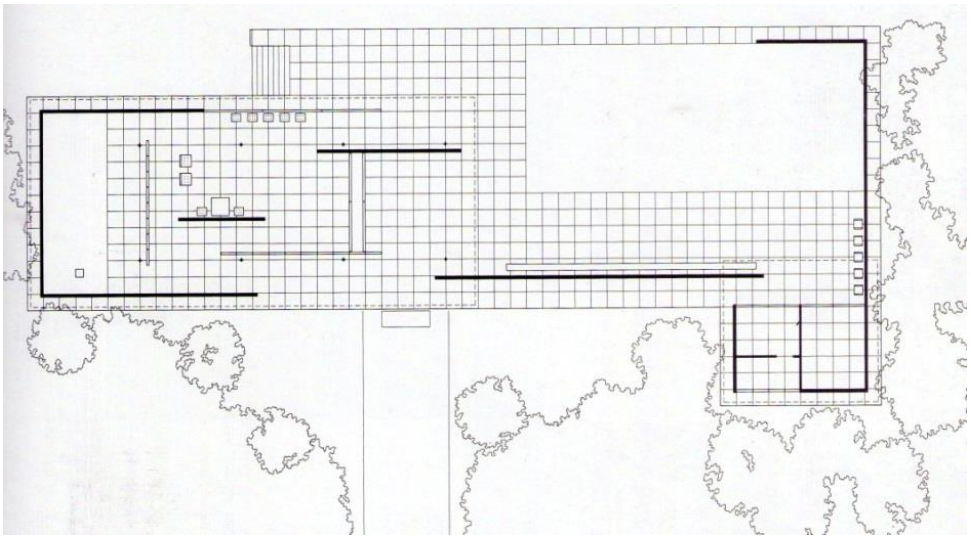


Fig. 6- Planta do Pavilhão Alemão de Mies Van Der Rohe

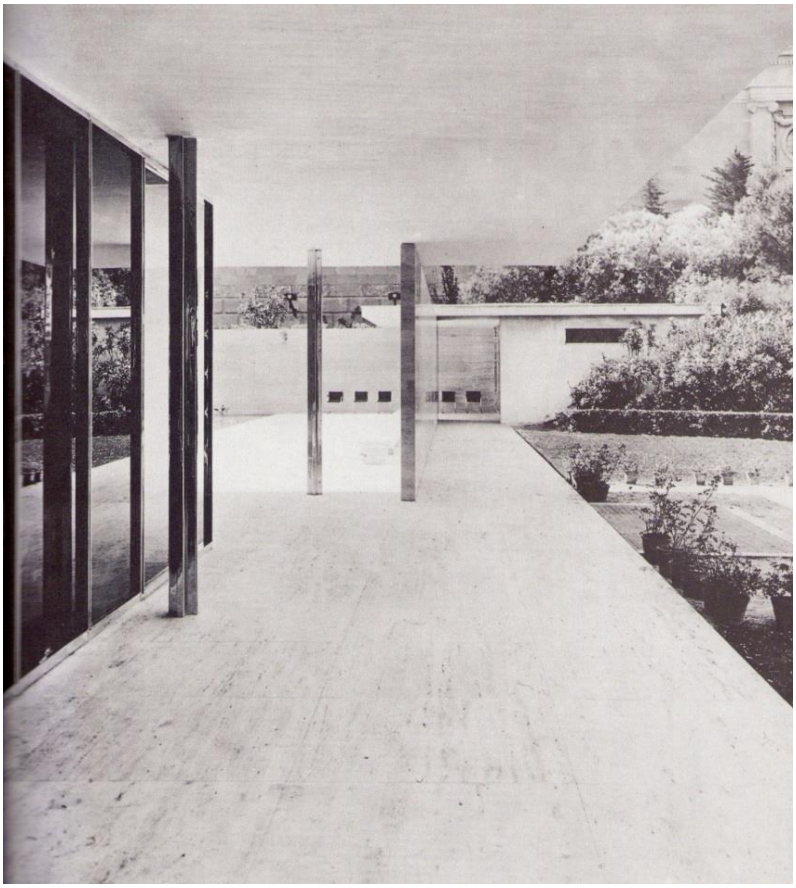


Fig. 7- Vista do Pavilhão Alemão

Na *Casa Sert*, de Josep Lluís Sert, em Massachusetts, podemos ver a utilização do pátio como elemento que cria a sensação de maior dimensionalidade presente na casa. Ao introduzir um pátio interno que, para além de organizar os espaços de permanência e circulação da habitação contém, nos seus limites com esta, paredes de vidro que proporcionam esta sensação de espaço amplo. Assim é permitido um acesso visual longitudinal que atravessa toda a casa. Os dois pátios externos apresentam-se como uma extensão visual da casa que proporciona a mesma sensação através das transparências dos limites contidos entre a habitação e estes dois espaços.

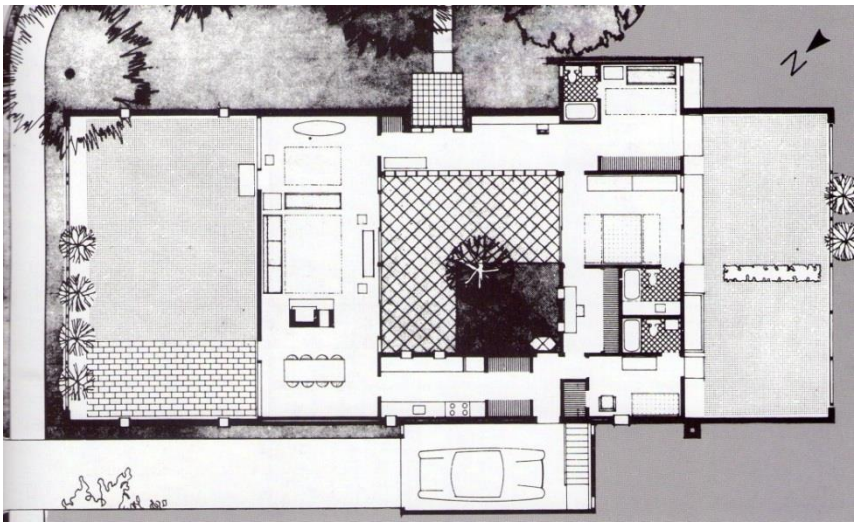


Fig. 8- Planta da Casa Sert

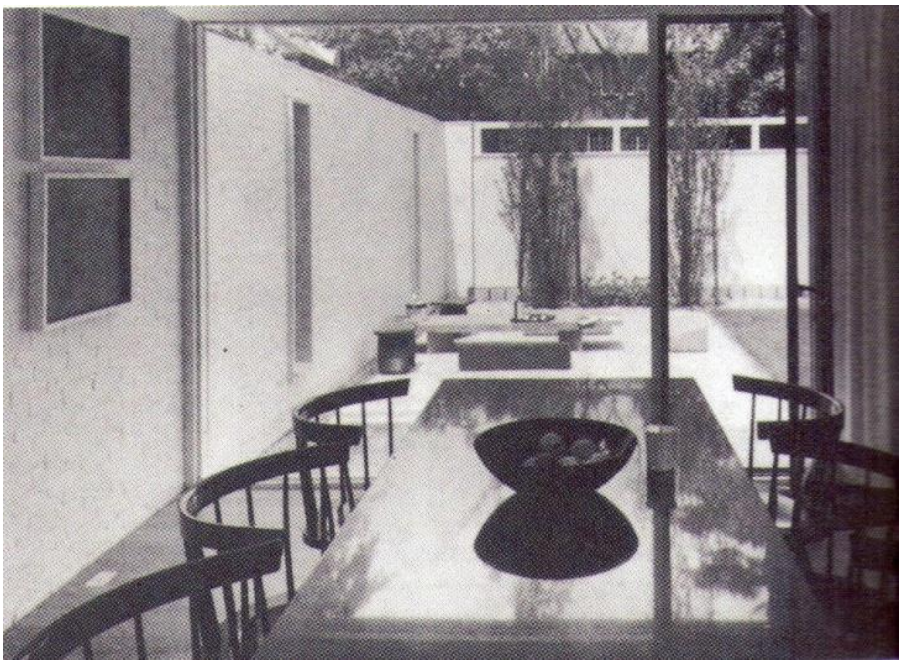


Fig. 9- Vista do pátio através da sala de jantar da Casa Sert

Esta ideia da extensão da casa através do pátio também está presente na *Casa Guerrero* de Campo Baeza. Delimitada no seu perímetro por muros altos, os dois pátios surgem através da divisão transversal do projecto, posicionando a casa entre estes elementos. É através dos grandes envidraçados que o interior se abre aos pátios e permite um acesso visual longitudinal completo. Os pátios apresentam o mesmo pavimento que o interior da casa para realçar esta continuação do espaço. As coberturas que se estendem para o pátio, para além de evitarem a grande entrada de luz solar e calor, criam um ponto de transição entre os pátios e a habitação. À semelhança da *Casa Gaspar*, o arquitecto introduz elementos naturais (árvores e espelhos de água) de forma a complementar o pátio.



Fig. 10- Vista da Casa Guerrero

No projecto da *Caja Granada*, Campos Baeza desfruta do pátio como um ordenador dos espaços em torno deste. O edifício tendo a forma de um cubo, apresenta uma malha quadrangular de 3mx3m na sua fachada e na cobertura permitindo assim a entrada de luz de uma forma controlada. No interior, o pátio através das suas grandes dimensões, como o próprio arquitecto diz, torna-se num “impluvium de luz”, iluminando os escritórios através da reflecção e evitando exposições directas da luz aos escritórios. Tendo em conta a posição deste elemento, podemos identificá-lo como um átrio pois encontra-se como um espaço de entrada deste edifício, obtendo uma grande carga sensorial através das entradas de luz e dimensões que apresenta.



Fig. 11- Vista do pátio da Caja Granada

Um outro exemplo na arquitectura contemporânea é o do *Pavilhão Carlos Ramos,* projectado pelo Arq. Siza Vieira. Construído para albergar alguns dos espaços da Faculdade de Arquitectura do Porto, este edifício encontra-se num jardim, apresentando uma forma trapezoidal, constituída por três alas, tendo um dos seus lados abertos. O edifício contém três salas de estudo em cada um dos dois pisos que estão ligadas entre si. A interioridade contida neste projecto provocada pela forma trapezoidal do mesmo, é realçada através dos grandes envidraçados que estão orientados para o pátio, funcionando assim como um elemento unificador que cria uma relação visual entre as diferentes salas de estudo, para além da notória união do edifício com a natureza a envolve-lo.



Fig. 12- Pavilhão Carlos Ramos

Na *Igreja de Santo António e Centro Social São Bartolomeu* projectada por Carrilho da Graça, em Portalegre, a relação do corpo da igreja com o átrio e o pátio contidos no projecto dá-se com uma união completamente diferente daquelas que estávamos habituados a ver em outras igrejas. A entrada para o edifício dá-se através do grande átrio que se abre para a rua, que não perde a sua interioridade devido ao corpo que encontra no 1º piso e marca o espaço de transição entre a rua e o átrio. Ao percorrermos este espaço, obtemos de imediato o acesso visual ao lugar onde se realizam as missas, que se encontra compreendido entre o átrio e um pátio que demonstra perfeitamente a natureza do desnível onde o projecto se implantou, mantendo as próprias rochas e vegetação que compõem a natureza deste espaço. O corpo da igreja mantém a sua privacidade, apesar dos grandes envidraçados contidos em dois dos seus quatro lados, pois estes direccionam o olhar para o espaço íntimo dos pátios e a entrada de luz é controlada de forma a contribuir para todo este cenário sagrado e intimista.

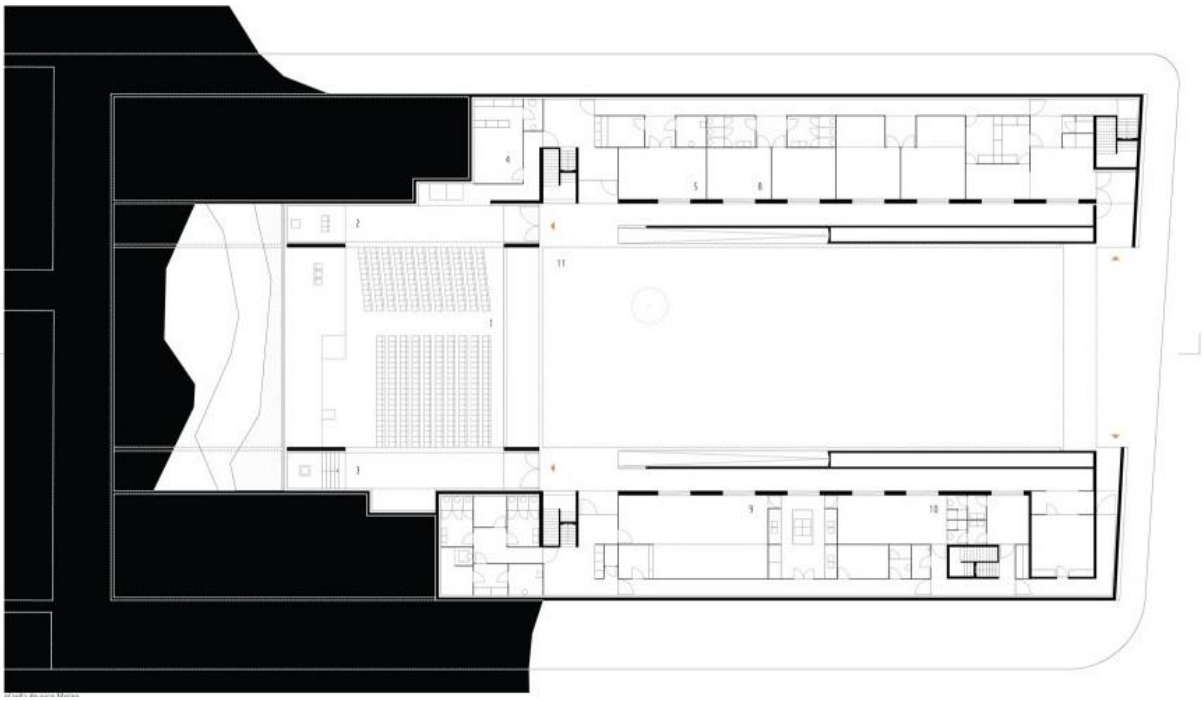


Fig. 13 – Planta da Igreja de Santo António e Centro Social São Bartolomeu

4. O pátio na arquitectura popular

Com o intuito de perceber melhor as origens do pátio para que este possa ser incluído nos projectos de hoje, é imprescindível falar da Arquitectura Popular em Portugal.

Sendo uma arquitectura que foi evoluindo ao longo da história, esta apresenta características resultantes das condicionantes climáticas, do relevo, culturais, utilitárias e económicas, que com o passar do tempo, se adaptaram às necessidades. Contudo, esta evolução dá-se de uma maneira lenta, pois «forçado pelas circunstâncias, adapta-se a elas e procura restabelecer o equilíbrio entre as condições de vida e os edifícios que as facilitam. Mas procede com lentidão e a contragosto. A rotina e os hábitos de estrita economia retardam as renovações»[4].

É com esta lentidão e regendo-se pelas condicionantes humanas e naturais, que a Arquitectura Popular abraça o espírito do lugar, podendo-se introduzir no meio urbano; porém, este cresce e tende a criar mudanças rápidas na arquitectura, correndo o risco de desvincular as raízes contidas na Arquitectura Popular.

As características do edificado variam de Norte para o Sul de Portugal, sendo que «Entre uma aldeia minhota e um "monte" alentejano, há diferenças muito mais profundas do que em certas construções portuguesas e gregas» [5] o que se deve as diferentes condicionantes humanas e naturais, e ainda as influências dos diversos povos invasores. Com estas variantes, encontramos uma variedade muito rica na forma como os pátios são configurados e entendidos.

De forma a entender melhor esta diversidade, expomos os seguintes exemplos que foram selecionados com base na sua distinção da forma, dimensões e uso. Procurou-se também fazer a selecção de distintas regiões de forma a ser mais abrangente.

4.1 Casa de Lavoura no Douro Litoral

Localizada na aldeia do Alvre, no Douro Litoral, esta casa de lavoura (figuras 14 e 15) construída de xisto, apresenta um pátio encerrado pelos quatro lados. Sendo designado como quinteiro[6] na planta, este é definido em três lados pelo edifício, tendo o quarto lado

[4] - *Arquitectura Popular em Portugal*, página XXI.
[5] - *Arquitectura Popular em Portugal*, página XX
[6] «- Pátio interior, eido; Pequeno, quintal murado.» Em http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx?pal=quinteiro

delimitado por um muro de 2,30 metros, onde se encontrava a entrada para o conjunto, criando assim uma maior intimidade e sensação de segurança, onde este se apresentava como um espaço de refúgio ao mundo exterior. O dono da casa associa a profissão da lavoura com a carpintaria, sendo ele próprio que efectuou algumas das alterações registradas em casa de forma a adaptar-se ao seu trabalho e vida doméstica. Sendo a entrada feita através do pátio, ao fundo encontramos o corpo da casa onde está a cozinha, a sala e os quartos. A cozinha não apresenta nenhum vão para o exterior para além da porta que dá acesso ao pátio, porém dos espaços interiores, é nesta divisão que ocorre uma maior vivência dos moradores. À esquerda do pátio encontramos quatro cortes[7] e, à direita deste, o sobrado e outro corte. Esta configuração remete-nos para a independência de cada um dos compartimentos desta casa de lavoura, em que tudo gera à volta do pátio, sendo este elemento utilizado como um espaço de apoio ao trabalho e de recreio.

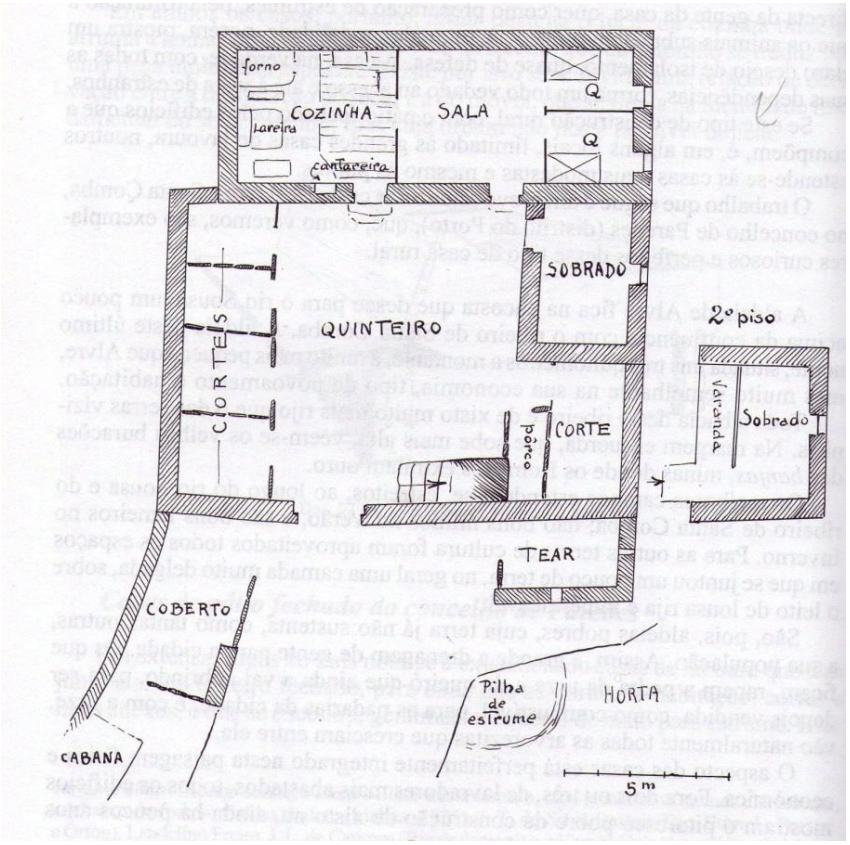


Fig. 14- Planta da casa de lavoura

[7] «- Recinto onde se recolhe o gado.» Em http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/corte

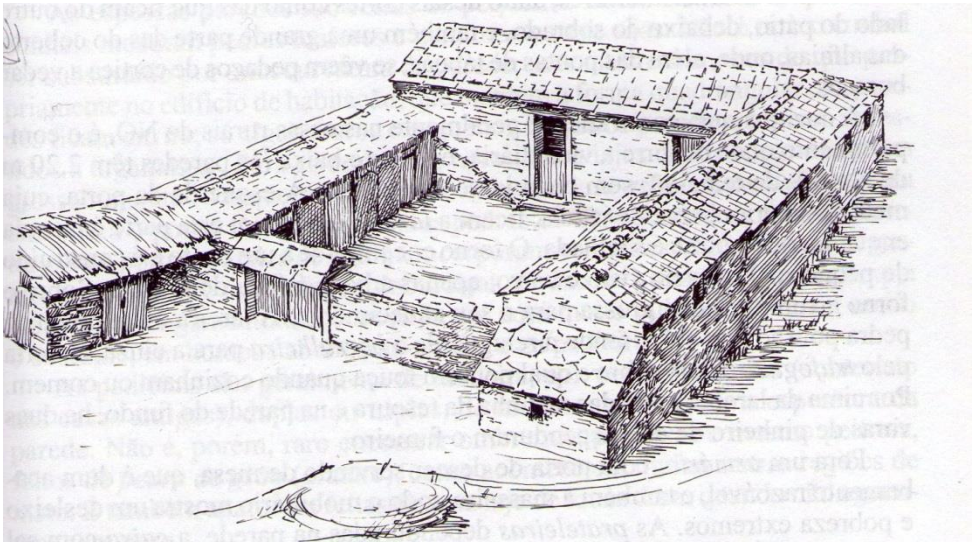


Fig. 15- Perspectiva da casa de lavoura

4.2 Casa de Lavoura no Minho

No Minho, mais concretamente em Calvelhe, as casas apresentam uma maior liberdade na sua configuração devido ao facto de se apresentarem dispersas pelo território. Nesta casa em Calvelhe (figura 16), regista-se uma característica que se aplica em muitos casos no meio rural em que «Quando o proprietário é rico, e também lavrador, ainda vive nas suas terras, em que a faina dos campos domina e enforma o seu carácter, a casa de lavoura, como um prolongamento directo da vida do agro, amplia-se e as instalações tomam as proporções que as necessidades exigem»[8]. Como podemos constatar pela figura 17, este pátio apresenta grandes dimensões, revelando-se similar ao exemplo anterior quer pelo uso deste como um espaço de apoio ao trabalho, quer pelo facto de todos os compartimentos da casa se viram para este. O acesso a qualquer parte da casa é sempre feito pelo pátio e devido ao poder económico detido pelos moradores, o pátio encontra-se com um maior número de funções e com usos mais definidos contendo dentro dele os espaços que na planta aparecem designados como eira[9] e eido[10]. Convém realçar que apesar desta casa revelar ser uma propriedade de um lavrador mais abastado, esta «…não transparece a menor ostentação, antes, pelo contrário, tudo se mede pelos cânones de vida sóbria e digna, que se prolonga em gestos, hábitos e objectos marcadamente rústicos.»[11].

[8] *Arquitectura Popular em Portugal, Página 41*
[9] «- Terreno liso ou empedrado onde se põem a secar e se trilham ou desgranam legumes ou cereais.» Em http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=eira
[10] «- Pátio; quintal; quinteiro.» Em http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=eido
[11] - *Arquitectura Popular em Portugal*, página 43

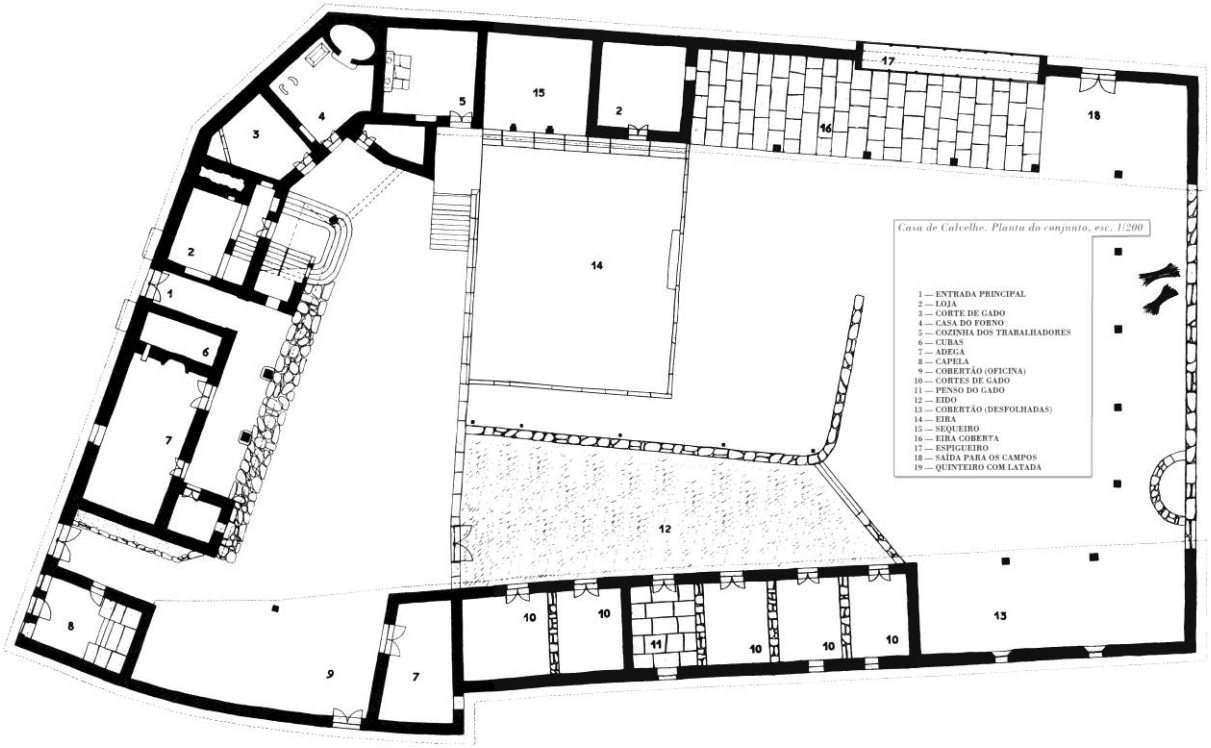


Fig. 16- Planta da Casa de lavoura no Minho.



Fig. 17- Vista da área de lavoura

4.3 Casa em Trás-os-Montes

Em Trás-os-Montes, mais concretamente na freguesia de Campeã, apresentamos um exemplo que, pela planta deste, nos demonstra a sua humildade retratada nas dimensões e na forma. O pátio para além de pequeno, apresenta um dos seus limites de uma forma irregular, devido a adaptação deste espaço ao terreno, demonstrando bem algumas das características gerais da arquitectura popular por se adaptar ao terreno e formar o edificado em conformidade com este. O contraste com os dois exemplos anteriormente referenciados é nítido através das dimensões e dos espaços que estão contidos neste conjunto que apresenta duas moradias e um espaço de trabalho. Estando o edifício desenvolvido numa área com alguma inclinação, pelo corte (figura 19)pode-se perceber que a loja[12] se direcciona para a rua, e dá-se prioridade às habitações e ao espaço de trabalho para que sejam servidos pelo pátio. Embora este caso não se possa assumir como uma casa de lavoura, apresenta um bom exemplo de um conjunto simples em que o pátio, para além das funções anunciadas, concilia a ligação entre duas moradias separadas entre si por um acesso, fornecendo um carácter mais unitário ao conjunto.

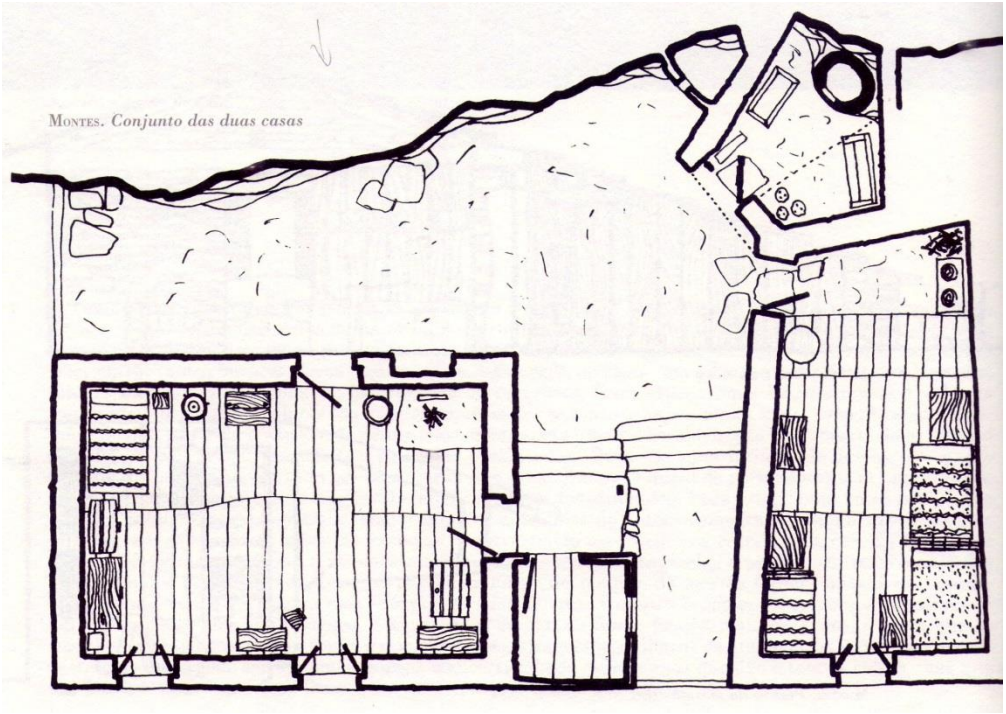


Fig. 18- Planta da casa

[12] «- casa que serve de oficina ou de arrecadação» Em http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/loja

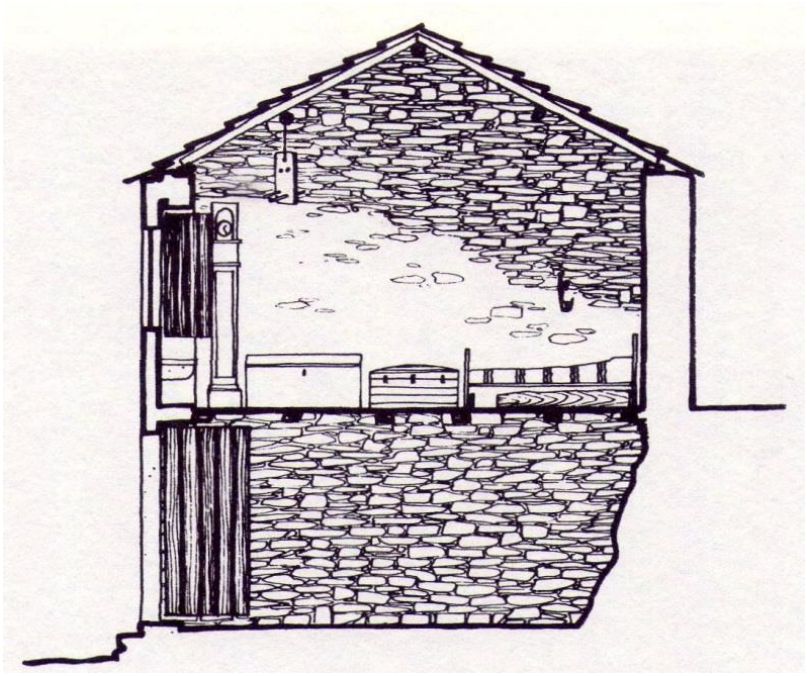


Fig. 19- Corte transversal à casa

4.4 Herdade no Alentejo

Nos arredores de Moura, Alentejo, encontra-se num "monte"[13] o centro de exploração de uma herdade. Ao contrário do exemplo anterior, este aparece com umas dimensões maiores e um programa mais complexo, e estando construído num terreno com uma inclinação muito ligeira, o desenho do conjunto aparece com uma forma mais regular. O pátio desta vez já não se apresenta como um espaço que proporciona exclusivamente os acessos, pois o acesso à habitação do proprietário é feito pelo exterior, e a ligação desta com o pátio é feita através da casa do feitor. O pátio perde assim o seu carácter de extensão da moradia para fora dos limites desta porém, mantém-se como o elemento organizador, servindo directamente o espaço de lavoura. Segundo o livro *Arquitectura Popular em Portugal,* devido ao facto de esta herdade se encontrar isolada e estar próxima da fronteira, desenvolveu as características defensoras patentes nesta arquitectura, em que delimitada pelos 4 cantos, faz com que este pátio apresente a sensação de segurança que os utilizadores necessitavam.

[13] «- sede de herdade formada por vários edifícios em torno de um pátio; designação atribuída por vezes a própria herdade.» Em http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/monte

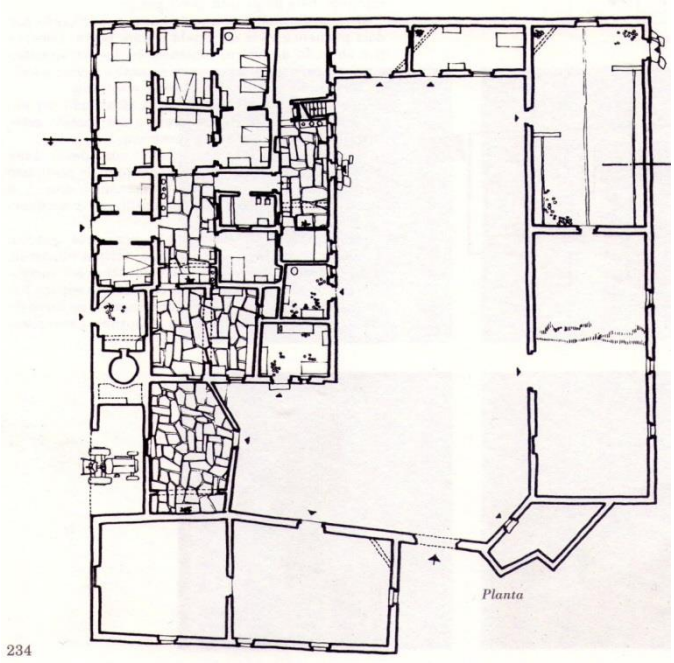


Fig. 20- Planta da herdade

4.5 Quinta no Algarve

Localizada na região de Serra do Caldeirão, Algarve, a quinta representada na figura 21 possui um pátio que se apresenta com um pouco mais de adornos que os exemplos citados anteriormente. Contendo pequenos canteiros e bancos nos seus limites com o corpo que acolhe a habitação, este espaço demonstra a importância que lhe deram na sua configuração, em que a preocupação ia mais longe do que ter um pátio utilitário e funcional. Os bancos realçam a imagem do pátio como espaço de recreio, mas não perdendo a sua função como espaço de apoio à lavoura. Sendo delimitado a Norte pelo portão de acesso ao conjunto, a Este pela habitação, a Oeste pelo espaço de serviço e, o mais interessante, a Sul através de uma diferença de cota que proporciona uma vista para fora do pátio, não desvirtuando a sensação de segurança e de privacidade importantes para a vitalidade deste.

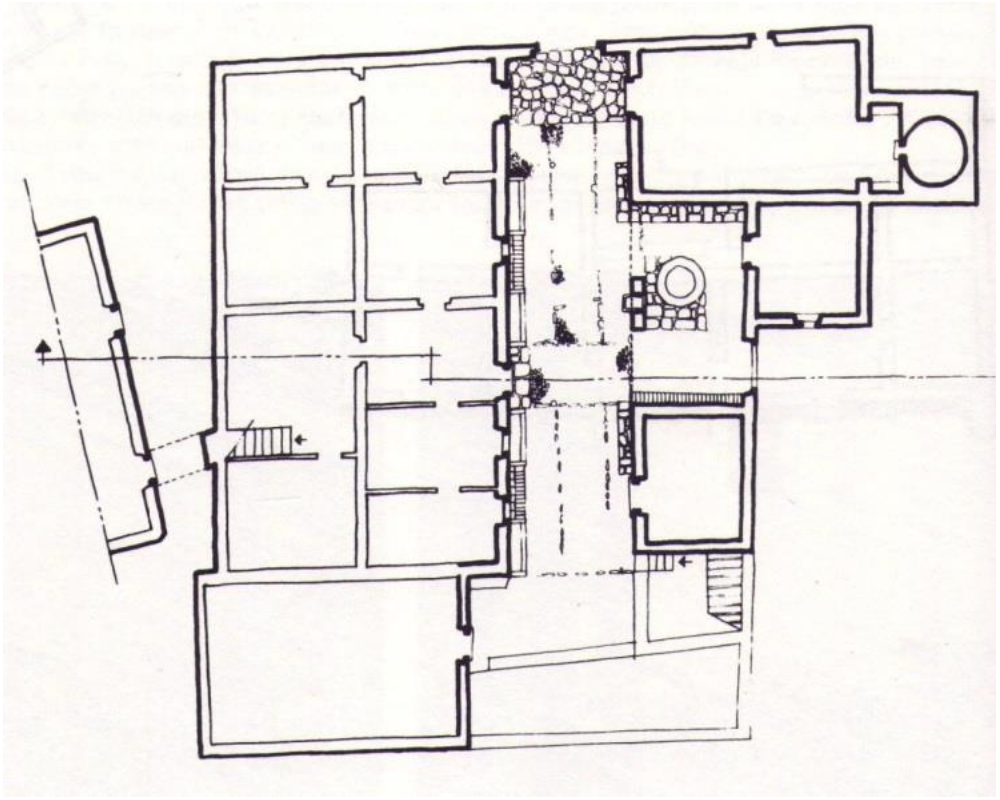


Fig. 21- Planta da quinta no Algarve



Fig. 22- Vista para o lado aberto do pátio da quinta.

5. O pátio em Lisboa

5.1 Breve história do percurso do pátio em Lisboa (séc. VII – séc. XIX)

Sendo em Lisboa que se vai implantar o projeto proposto, é importante falar da presença do pátio e da sua evolução ao longo do tempo nesta cidade.
Os pátios sempre foram uma tipologia abundante ao longo da história de Lisboa, por isso fazemos uma abordagem concisa realçando certos momentos ao longo do tempo que proporcionaram o aparecimento ou alteração destes espaços.

O início da história do Pátio em Lisboa, segundo Ana Cristina Leite « Como elemento de forte implantação urbana, podemos, com toda a certeza recuar o seu aparecimento até ao período de ocupação muçulmana, no século VII; os pátios existem em Lisboa desde que esta se chamava Ulixbuna, nome por que era conhecida entre os Árabes.»[14]
Sobre as ruínas da cidade anteriormente pelos Romanos e Visigodos erigida, os árabes construíram, na actual colina de S. Jorge, de acordo com os seus padrões urbanísticos, com base numa malha orgânica por onde o pátio proliferava. Devido a forte ligação do urbanismo árabe com a religião islâmica, ditando o comportamento do homem no dia-a-dia, adoptam o pátio como solução que preservava a intimidade, onde a família se reunia abrigada do mundo, mantendo o contacto com os elementos da Natureza.

O clima foi também um factor crucial para a configuração do pátio, pois este apresentava características similares aos pátios encontrados em Espanha, Itália, Grécia e Norte de África, em que o pátio era desenvolvido de forma a proteger do Sol e do calor.
Com a conquista de Lisboa por parte de D. Afonso Henriques, a cidade continua o seu crescimento de acordo com os padrões anteriores, desenvolvendo-se com base nas necessidades dos habitantes. As habitações que se encontram fora da muralha, à medida que a malha urbana se expande e as engloba, transformam os seus quintais e hortas em pátios, adaptando o espaço às novas necessidades e exigências do meio urbano.

Nos finais do século XV, com a mudança da Corte para o Paço da Ribeira e com a respectiva mudança do centro político e administrativo, muitas das famílias abastadas abandonaram os seus palácios, mudando a sua morada para o novo centro. Devido a este abandono, os palácios são apropriados por parte dos habitantes das classes mais baixas, sobrelotando o espaço. Os pátios destes palácios sofreram pequenas alterações com vista a albergar os novos inquilinos, mudanças estas que ficaram marcadas pelas baixas condições

[14] (Leite, 1991)

de habitabilidade. Neste período, esta adaptação foi marcante na história dos pátios em Lisboa, embora convenha salientar que com o contínuo crescimento da cidade, o pátio continuava a surgir em novas construções pela cidade.

> « No todo, a lisboa de Quinhentos não perde a sua fáceis medieval; e, nalgumas áreas, especialmente ao longo do rio, a cidade cresce com um sabor de espontaneidade que não se perdera por completo e com ele vão surgindo pátios. Nestes já não está presente o conceito urbanístico-filosófico do tempo da ocupação árabe, mas a ideia de pátio enquanto elemento urbano de repetição»[15]

Nos finais do século XVI, com a construção do Bairro Alto, surgem os saguões de forma a dar resposta aos padrões higienistas da altura. Com a reconstrução de Lisboa após o terramoto, também se recorre ao sanguão em grande número, tendo este espaço sido incluído mais tarde no plano de Marquês de Pombal, como forma de resolver os problemas que surgiram nas partilhas das propriedades. É também através destes planos, que a cidade se expande englobando os núcleos rurais em redor. «Lisboa passou a contar com um número considerável de pátios de carácter ruralizante e, por vezes, comunitário, construídos, ou reconstruídos, na sua maioria, durante o século XVIII. O campo chega à cidade e o pátio mostra ser, cada vez mais, uma pequena aldeia...»[16].

Na primeira metade do século XIX, dá-se a extinção das ordens religiosas em Portugal, fazendo com que os conventos, à semelhança dos palácios, fossem abandonados e posteriormente ocupados por famílias de classes mais baixas, sobrelotando o espaço e deixando os claustros em baixas condições de habitabilidade.

[15] (Leite, 1991)
[16] (Leite, 1991)

5.2 As vilas operárias em Lisboa - A introdução do pátio rural no meio urbano

Na segunda metade do século XIX, o crescimento da indústria em Portugal originou o aparecimento das vilas operárias em Lisboa.Com à expansão da indústria em Portugal, registou-se um grande fluxo migratório do meio rural para as grandes cidades. Em Lisboa, com a falta de habitação para albergar os novos habitantes e com rendas que não estavam ao alcance da classe operária, houve um grande aumento demográfico nos bairros populares mais antigos. Nas áreas da cidade onde restavam alguns espaços abertos, «as camadas mais desfavorecidas da população lisboeta viam-se, assim, na contingência de terem de sofrer condições de alojamento deprimentes, albergadas em palácios arruinados ou conventos desafectados e a maioria das vezes em pátios insalubres»[17]

Devido à ineficácia do governo na resolução deste problema, o alojamento da classe operária é resolvido através de iniciativas privadas. Senhores abastados que pretendiam obter lucro com o arredamento de quartos, iniciam a construção ou adaptação de pequenas moradias para os operários, em espaços tão variados, como nas próprias caves e nas traseiras dos edifícios onde viviam, chegando a comprar os palácios e conventos abandonados com o intuito de responder à grande procura, obtendo assim o seu respectivo lucro. Estas iniciativas privadas aliadas a um movimento higienista que denunciava as condições insalubres em que viviam os operários, e às empresas que pretendiam alojar os seus trabalhadores junto às fábricas, resultam no início das construções das vilas operárias.

> «O termo “vila” generalizou-se no século XIX, após a criação das vilas operárias, e foi adoptado em muitos pátios, uma atitude que Leite de Vasconcelos considera de “fanfarrice dos donos: de facto vila, no uso actual, de origem italiana, que se quis adoptar, tem o sentido de casa avulsa, independente, e cercada de quintalório ou jardim”. E continua o autor “Entrei em vários pátios dos que à moderna se dizem de vilas, e averiguei que em nada diferem dos outros, acontecendo perguntar em um deles, a um dos inquilinos como se chamava aquilo, respondeu-me: cá

[17] (Pereira, 1994)

para nós é um pátio, mas chamam-lhe vila.”»[18].

As vilas surgem com uma grande variedade de formas e muitas mantendo o pátio como elemento marcante. De forma a obter mais lucros através de uma racionalização do espaço, as actividades colectivas e os acessos eram resolvidos através do núcleo da vila. As habitações delimitavam o espaço central do terreno e só continham uma área mínima para que fosse possível albergar os espaços de carácter mais privado para os moradores, contrapondo-se à área de maiores proporções do núcleo, tornando-se este uma extensão das casas. É nesta apropriação do pátio, como espaço contínuo à casa e à sua vivência colectiva, aliado à simplicidade do espaço, que nos remete para a arquitectura popular rural que está presente nestas vilas, adaptada ao meio urbano. «A racionalização do espaço e dos processos construtivos (…) condicionaram um modelo de habitação, cujas características nos remetem numa primeira leitura para um universo de cariz ruralizante, adequado à origem dos seus potenciais destinatários. Exprime-se aparentemente numa expressão vernacular, cujos valores formais dominantes são a clareza, ordem, proporção e simplicidade.»[19]

Apesar de haver uma grande variedade nas vilas que foram surgindo, a maior parte das vezes estas encontram-se «…à margem da estrutura urbana em que se insere (…) implantada no interior do quarteirão, dado que o “negócio consistia em rentabilizar espaços no interior dos quarteirões, os quais, segundos critérios do urbanismo convencional, não são edificáveis” (Madeira Rodrigues,1979).»[20]

É comum encontrar em diversas vilas «duas fiadas de casas (com dois, três ou mais pisos), deixando uma rua entre elas»[21].. Nas diversas configurações patentes nas vilas operárias, em que encontramos casos que não optaram pelo uso do termo “vila”, estas «recobrem uma realidade que contém o essencial da vila: edificação multifamiliar intensiva, construída pela iniciativa privada e destinada a famílias de baixos rendimentos» [22]

[18] (Leite, 1991)
[19] (Cidade Oculta - A Vila Operária, 2007)
[20] (Cidade Oculta - A Vila Operária, 2007)
[21] (Leite, 1991)
[22] (Pereira, 1994)

Segundo o arquitecto Nuno Teotónio Pereira, podemos agrupa-las em seis categorias:

-Prédios em correnteza;
-Vilas formando pátio;
-Vilas construídas atrás de prédios;
-Vilas formando rua;
-Vilas directamente ligada à produção;
-Vilas de escala urbana.

De forma a obter uma imagem clara das vilas operárias, procederemos a uma análise das categorias enumeradas, com excepção dos prédios em correnteza e das vilas directamente ligadas à produção. Serão dados exemplos das vilas que se enquadram em cada categoria, contendo estas, as características que convém assinalar tendo em conta o tema da presente dissertação.

5.2.1 Vilas formando pátio

As vilas formando pátio surgem de um aproveitamento máximo do terreno, através da delimitação deste feito pelas habitações, gerando no centro uma concentração dos espaços de circulação e de cariz comunitário, que eram considerados como espaços pouco lucrativos. [23]

Apesar da maioria das vilas apresentarem um carácter modesto, estas apresentam algumas características que compensam o seu lado mais humilde, como por exemplo, a *Vila Ramos,* situada na Rua Maria Pia, em que o conjunto apresenta uma simetria reflectida na planta e na fachada que limita o conjunto com a rua. Esta Vila não segue uma das características gerais pois a sua frente dá directamente para a via pública, porém o acesso às habitações é feito através do pátio modesto, com cerca de 20 metros de comprimento por 4,5 metros de largura, com as habitações a delimitarem este espaço. O acesso a habitações é directo no piso térreo, sendo que no 1º piso o acesso é feito através de uma escadaria e galerias em estrutura metálica.

O pátio é acedido através de um vão arqueado que no topo contém uma placa com o nome da vila. Este é apropriado com uma extensão da casa, contendo tanques para lavar a

[23] (Pereira, 1994)

roupa, estendais que atravessam transversalmente o pátio através das galerias, entre outros objectos deixados durante o dia. Apesar do acesso directo para a rua e da inexistência de um portão que proíba a entrada neste espaço, a sensação de segurança e introspecção é conservada neste humilde pátio.

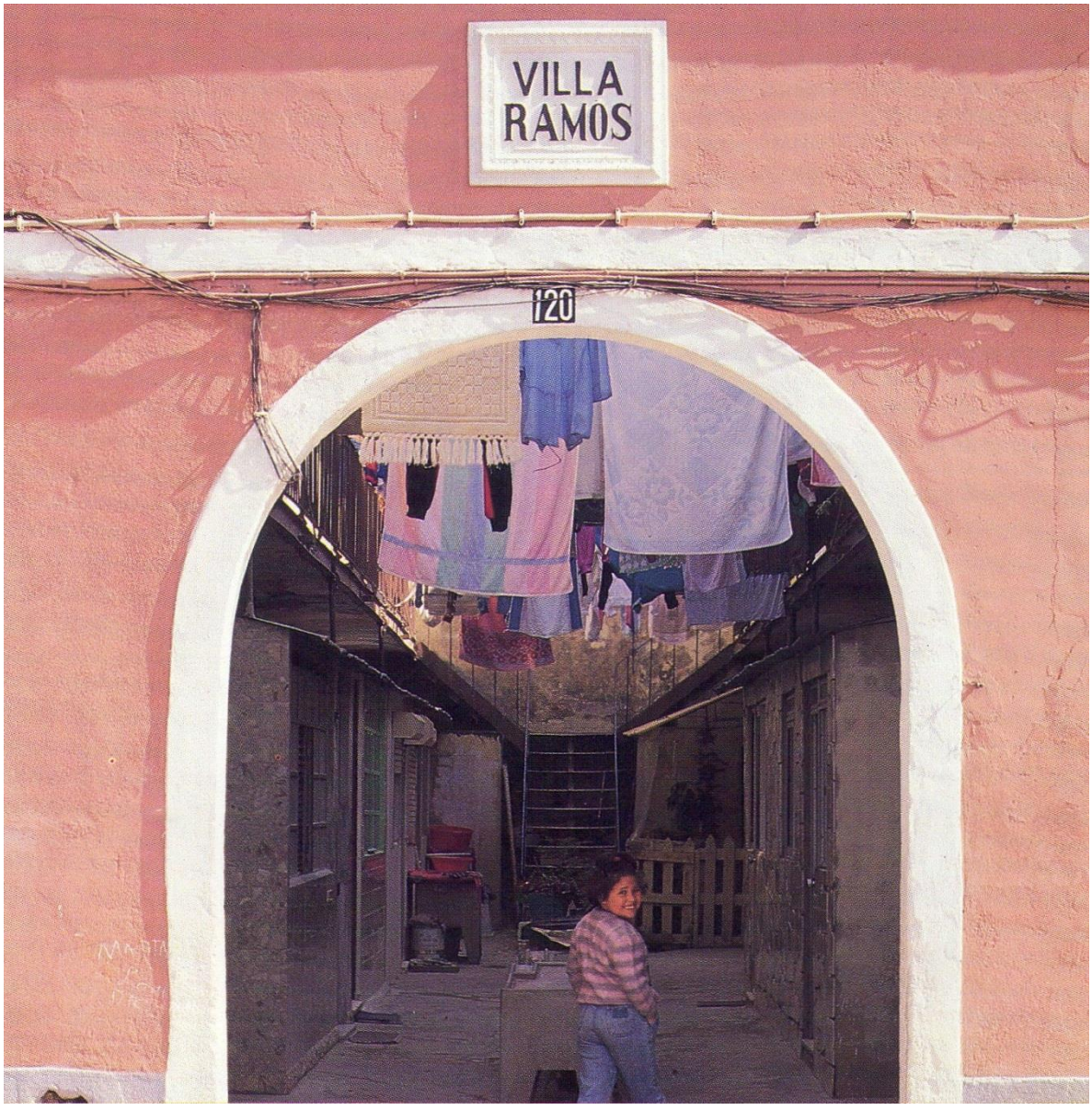


Fig. 23- Vista da entrada para o pátio da Vila Ramos

O empenho no uso dos materiais adquiridos através das novas tecnologias era evidente em muitas das vilas operárias, sendo que um dos casos que merece destaque, o da *Vila Rodrigues,* localizada na Graça. O acesso é feito através de um portão e percorrendo o caminho delimitado por dois edifícios, que fazem parte da frente do quarteirão, acedemos ao pátio que se estende ao comprido pela vila. É neste que podemos ver o emprego das estruturas metálicas através das suas galerias e pontes de acesso vertical e horizontal, apresentando uma imagem mais complexa e dinâmica comparativamente a muitas das vilas que podemos visitar por Lisboa. O acesso às habitações é feito através do pátio e das galerias que circundam este espaço. A alusão ao meio rural é patente neste pátio através da maneira como as pessoas se apropriam do espaço, servindo-se deste como uma extensão da sua própria casa, usando o pátio como lugar para estender a roupa, expor as suas plantas à entrada da moradia e fazer os seus churrascos enquanto estão sentados nas cadeiras a conversar com o vizinho. É notória a sensação de espaço utilitário e privado, criando o seu mundo à parte, porém no centro da cidade de Lisboa.

Durante a visita à *Vila Rodrigues*, conversei com uma senhora que se encontrava a estender a roupa, com intuito de saber um pouco mais sobre as vivências e se os moradores aproveitam o pátio como um espaço de confraternização. Esta moradora que foi viver para a vila quando ainda tinha meses de vida (em 1924) referiu-me sobre algumas mudanças que foram sendo feitas a nível do carácter comunitário da vila. Segundo a sua descrição, antigamente havia uma melhor interacção entre os moradores, chegando mesmo a intitular os antigos vizinhos como “família”. Porém, com o passar dos tempos, a maioria das novas gerações que eram os filhos e netos dos antigos vizinhos da moradora, mudaram-se para fora da vila, sendo que segundo o relato, só se encontram a viver na Vila Rodrigues sete pessoas provenientes das famílias que habitaram este espaço por largos anos. Relembrando com saudade dos tempos passados na vila, a entrevistada refere-se ao carácter comunitário presente na vila nos dias de hoje, como sendo baixo comparado aos velhos tempos. Acrescenta que devido à grande ocupação das moradias por parte de imigrantes de diversas nacionalidades, o que se reflecte na variedade cultural e linguística presentes na vila, se gera alguma distância entre os moradores chegando algumas vezes a criar pequenos desentendimentos entre eles.

Podemos assim concluir que através deste relato, com o passar do tempo o carácter comunitário neste espaço foi baixando em comparação com os velhos tempos. Ainda se presencia uma convivência agradável e usufruição do pátio como espaço de habitar colectivo e como uma extensão da casa, ainda que ocorram algumas divergências devido à variedade de nacionalidades contidas na vila, das quais resultam choques culturais.



Fig. 24- Vista do pátio da Vila Rodrigues



Fig. 25- Vista da ponte e da escadaria da Vila Rodrigues



Fig. 26- Entradas para as habitações.



Fig. 27- Objectos que demarcam as vivências no pátio.

O cuidado a nível estético e a ornamentação das fachadas são características que estão presentes na *Vila Luz Pereira* situada na Mouraria. Contudo esta vila era destinada para a média burguesia, apresentando uma planta simétrica em forma de "U". Os vãos são compostos por tijolos a vista, com varandins metálicos que percorrem o 3º piso e as mansardas destacam-se com as madeiras rendilhadas, o que demonstra uma ornamentação mais cuidada. O pátio surge através de uma ligação indirecta à via pública, em que só uma pequena área deste está exposta ao campo visual do mundo exterior desta vila. As entradas para as habitações são feitas através do pátio, tornando este uma vez mais, num espaço de circulação como ditam as características gerais das vilas. O pátio apresenta umas dimensões generosas comparado com outros exemplos que já citámos e viremos a citar, porém na visita ao local, não pude constatar vivências ou marca destas presentes no pátio. Mesmo nas fotos encontradas nos livros e na internet, o pátio apresenta-se como um espaço onde os moradores aproveitam para estacionar o seu carro. Este facto dá-se talvez ao facto de as habitações apresentarem uma maior área e consequentemente uma menor dependência do pátio como extensão da moradia. Através desta observação, podemos constatar que o pátio é mais um bem utilitário do que um espaço de habitar colectivo.



Fig. 28- Entrada para a Vila Luz Pereira



Fig. 29- Pátio da Vila Luz Pereira

Nem todas as vilas operárias que continham os pátios, delimitavam esse elemento através do seu edificado. No caso da *Vila Bagatella*, também conhecido na altura como *Pátio Bagatella*, o pátio encontrava-se delimitado pelas habitações e por um muro que acompanha o desnível da rua, tornando o pátio sobreelevado. Através deste desnível o espaço apresentava-se protegido do mundo exterior, conferindo alguma segurança, porém não era introspectivo e estava sujeito aos olhares, através das guardas em ferro fundido, das pessoas que pela rua caminhavam.

O conjunto de habitações com dois pisos que delimitavam o pátio era acedido através deste elemento, adquirindo mais uma vez a característica de espaço distributivo. Fez-se uso do ferro fundido como elemento decorativo presente nas galerias e limites do pátio. As fotos mais antigas que foram encontradas, não nos podem esclarecer com toda a clareza o quão forte era a convivência comunitária neste espaço, porém passa o registo de alguma apropriação deste espaço como uma extensão das moradias, através dos estendais contidos no pátio, dos objectos deixados nas portas de entrada e do facto de muitas destas portas estarem abertas, demonstrando uma certa confiança em abrir a moradia ao espaço comum privado desta vila.

O *Pátio do Monteiro* surge algumas vezes confundido com o *Pátio Bagatella*, embora o primeiro se situasse nas traseiras das habitações do *Pátio Bagatella*. Ambos foram construídos por Manuel José Monteiro, daí o motivo para que um dos pátios adquirisse o seu nome como era comum nas vilas operárias. Era também destinado à classe operária e delimitado por duas bandas que continham 3 pisos. O conjunto composto pelos dois pátios foi remodelado, estando concluído em 1996 e intitulado de *Páteo Bagatella*. Os dois pátios em si mantiveram a sua forma, sendo que os edifícios que compunham o antigo Pátio do Monteiro acabaram por aumentar a sua altura de forma a albergar os novos apartamentos. Como forma de estar em sintonia com as vilas operárias que outrora se encontravam neste espaço, mantiveram as fachadas do *Pátio Bagatella* com os seus vãos ritmados e recorreu-se ao uso do ferro fundido como forma de decoração e elemento estrutural.

Nas visitas realizadas constatou-se que a classe social que outrora vivia nestes pátios já não é a mesma, pois os apartamentos são destinados à classe social média alta. Com o acréscimo de espaços comerciais e escritórios no espaço onde se encontrava o antigo *Pátio Monteiro*, este acaba por acolher pessoas vindas do mundo exterior a este conjunto arquitectónico. Uma das coisas que convém realçar é a introdução, por parte de alguns moradores do primeiro piso, de barreiras visuais nas varandas, de forma a quebrar um contacto directo entre eles e as pessoas que se encontram no pátio, demonstrando que

essa afluência ao pátio por parte de transeuntes, por vezes pode ir contra os princípios de conforto dos moradores.

No antigo *Pátio Bagatella*, apesar da semelhança física deste espaço ser quase idêntica, entre o antes e o depois da requalificação, as pequenas moradias transformaram-se em casas habitacionais de 2 pisos, reduzindo para metade o número de fogos. Com o acesso feito a cada uma delas através das portas que se encontram na fachada que delimita o pátio, as galerias deixaram de ter a sua função de espaço de distribuição, passando a ser meras varandas. Das várias vezes que fiz o caminho passando pela rua que contorna o pátio, notei que o uso deste espaço já não é o mesmo que outrora estava registado através das fotografias históricas. Com o aumentar das áreas da casa e a mudança da classe social, o pátio já não é visto como uma extensão da moradia. Apresenta-se sempre limpo e imaculado, não contendo objectos ou marcas que evidenciam um uso mais utilitário e dinâmico deste espaço, resumindo grande parte das vezes a sua utilização como uma área de circulação.



Fig. 30- Vista do Páteo Bagatella (antigo pátio do Monteiro)



Fig. 31- Vista do actual Páteo Bagatella



Fig. 32- Foto histórica do antigo Pátio Bagatella



Fig. 33- Foto das habitações no Páteo Bagatella

5.2.2 Vilas construídas atrás de prédios

As vilas operárias retratavam numa escala da cidade, a classe social que lá habitava, porém nesta categoria surgem exemplos «…em que num mesmo lote de terreno são construídas duas tipologias distintas: marginando a rua, um prédio corrente para a burguesia (…) e no interior do talhão, por detrás desse prédio, um pátio, ou vila, destinado a famílias proletárias. Neste caso há uma hierarquia social traduzida directamente no nível do próprio lote.»[24].

É nesta categoria que se enquadra a *Vila Sousa* com uma das frentes a delimitar o Largo da Graça. Embora esta vila não tenha sido inteiramente construída de raiz, tratando-se de uma ampliação de um antigo palácio, apresenta características muito fortes que justificam ser tomada como exemplo para esta categoria. A *Vila Sousa* apresenta a distinção clara das classes sociais que nela habitaram. No corpo que delimita as ruas do conjunto da vila, era onde habitava o proprietário e a sua família, João Luís Sousa, sendo que nas traseiras se encontravam as habitações para os operários e suas respectivas famílias. A fachada da área onde vivia o proprietário e a sua família era totalmente revestida a azulejo e com vãos ritmados. A entrada para o pátio é feita através do portão que exibe o nome do proprietário e o ano de inauguração, 1890. Através desta entrada percorre-se um corredor que dará o acesso ao pátio, surgindo uma vez mais como um elemento de acesso às moradias destinadas aos operários, contudo aqui o acesso não é feito de uma forma tão directa, visto que as entradas das habitações e as escadas não dão directamente para o pátio. A forma irregular da planta da *Vila Sousa* contrasta com a forma regular que o pátio apresenta, estando este circunscrito a edifícios que variam entre dois a quatro pisos. O facto de as habitações não terem uma ligação mais directa ao pátio, faz com que não se note tanto o uso deste elemento como uma extensão da casa, porém devido às suas dimensões e ao facto de estar resguardado do mundo exterior, este espaço acaba por proporcionar um certo nível de interioridade e segurança, onde os filhos dos moradores podem aproveitar para brincar, enquanto os pais estendem a roupa nos estendais do piso térreo e aproveitam para passear os cães num ambiente controlado, sem o perigo do mundo exterior.

[24] (Pereira, 1994)

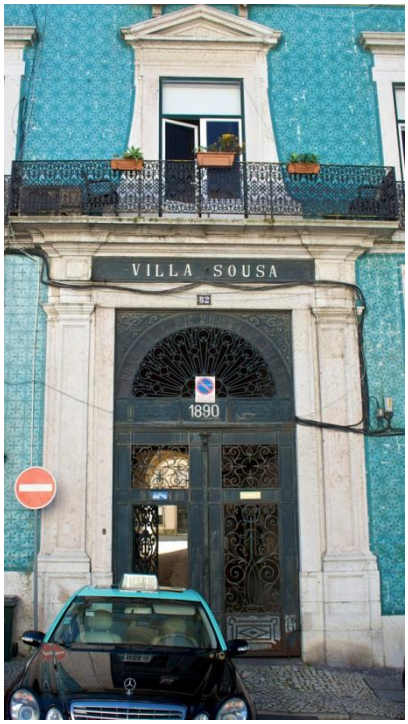


Fig. 34- Portão de entrada para a Vila Sousa



Fig. 35- Corredor de acesso ao pátio



Fig. 36- Pátio da Vila Sousa

5.2.3 Vilas formando rua

As vilas operárias que se foram desenvolvendo na margem da cidade construída, algumas eram erigidas em banda o que originava uma rua que se desenvolvia pela frente da vila. «Trata-se de casas em que as correntezas assim construídas não se distinguem claramente de tipologias mais correntes, a não ser pelo facto de as ruas pertencerem à própria vila e, por isso, terem a designação de "particulares"»[25].

É neste cenário que abordamos a *Vila Berta*, projectada e construída por Joaquim Francisco Tojal, sendo concluída em 1902. Esta era destinada a pequena burguesia e apresentava uma rica decoração através do ferro trabalhado que compunha as guardas e as estruturas metálicas que sustentavam as varandas que se estendiam até aos limites com a rua. Através do piso térreo encontravam-se as escadas que davam entrada para cada uma casas, delimitadas por pequenos espaços ajardinados que eram decorados com azulejos. A rua adquire um carácter mais privado por ter um dos seus acessos mais resguardado, constituído por um túnel com largura suficiente para seja permitida a passagem de automóveis. A rua apesar de possuir um carácter um pouco intimista, não proporciona um convívio comunitário. Pelo facto de ser uma rua com os passeios pouco largos e ser aberta à circulação automóvel (mesmo que só a moradores) estes factores condicionam muito o espaço e o seu carácter, ou a ausência deste, de habitar colectivo. Os áreas ajardinadas que compõem a entrada de cada casa poderiam servir como pequenos pátios, adquiridos como lugares de estância, porém a maioria destes encontram-se abandonados com a vegetação a crescer naturalmente e sem nenhum objecto ou imagem que remata para a utilização deste espaço. Esta característica nota-se mais nas grandes varandas, em que cada uma delas é partilhada por dois moradores vizinhos, onde podemos encontrar mesas, cadeiras e algumas plantas, testemunhando o uso e apreciação deste espaço. Apesar de as vivências nesta vila demonstrando um carácter mais individual do que em alguns exemplos citados anteriormente nesta dissertação, todos os anos na *Vila Berta* se realizam os arraiais típicos de Santo António, como forma de continuar com a tradição. Segundo um dos organizadores, os arraiais têm como principio criar uma ligação entre os moradores e convidar as pessoas da cidade de Lisboa a fazerem uma visita à *Vila Berta*. Porém no dia-a-dia este carácter comunitário e a convivência dos moradores não é algo que está exposto aos transeuntes que por aqui passam.

[25] - (Pereira, 1994)



Fig. 37- Vista da Vila Berta

5.2.4 Vilas de escala urbana

Com o sucesso obtido nas construções das vilas operárias, os empresários e as grandes indústrias impulsionaram-se para a construção de vilas operárias de maior dimensão. «É no quadro desta evolução que surgem as vilas que, pelo volume da edificação ou pela complexidade da sua estrutura, atingem uma escala que as impõe ao nível do espaço da cidade, constituindo neste último caso um sistema viário que, sem perder o carácter segregador, ganha uma dimensão urbana.»[26]

Neste contexto, abordamos o exemplo do *Bairro Estrela d'Ouro* construído em1909 por Agapito Serra Fernandes onde o próprio fixou a sua moradia. Ao visitarmos este espaço, apercebemo-nos que entramos no bairro ao reparar nas estrelas de cinco pontas que estão espalhadas pelas fachadas e calçadas que o compõem. Os edifícios são constituídos por dois pisos, em que o acesso ao piso superior é feito através de escadarias exteriores e galerias com estruturas metálicas. Aqui podemos encontrar alguns bancos e cadeiras espalhadas, demonstrando assim, que estes espaços apesar de serem considerados como um acesso às moradias do primeiro piso, são usufruídos pelos moradores como um lugar de estância e contemplação. As plantas em "U" das várias unidades habitacionais constituem um ponto a focar. As ruas que aí terminam adquirem uma forma que aparenta ser um beco, onde alguns moradores aproveitam para estacionar o seu automóvel. Contudo não é raro apanhar vizinhos à janela e nas entradas das suas habitações a confraternizar, usando o

[26] (Pereira, 1994)

espaço de uma forma comunitária porém com algumas limitações, visto que este se apresenta completamente aberto de um dos lados, o que não lhe permite ter um carácter mais privado e protegido. Sendo um bairro que se desenvolve à margem da Rua da Graça, este apresenta ruas de carácter secundário, mais estreitas, onde a circulação só é permitida num sentido. Isto contribui para que tenhamos a sensação de que o ambiente ostenta um lado mais calmo e "imaculado" quando estamos presentes neste bairro, o que de uma forma serve como uma mais-valia para a vida comunitária no Bairro Estrela d'Ouro.



Fig. 38- Escadarias do Bairro Estrela D'ouro



Fig. 39- Galeria contendo algumas marcas de vivências



Fig. 40- Escadarias do Bairro Estrela D'ouro



Fig. 41- Galeria com elementos decorativos e estrutura metálica

5.3 O pátio na actualidade lisboeta

Tendo o Convento das Bernardas na Madragoa sido um dos casos de ocupação intensiva, sofrida após a extinção das ordens religiosas, por parte de pessoas da classe mais baixa, este acabou por sofrer inúmeras alterações com o passar dos anos, de forma a adaptar-se ao número elevado de pessoas que aqui viviam sem as condições mínimas de salubridade.

Com a compra deste antigo convento por parte da Câmara Municipal de lisboa em 1998, este edifício sofreu algumas obras requalificação de forma a devolver a este espaço, uma maior habitabilidade adequada aos dias de hoje e criar um espaço que funcionasse para o Bairro da Madragoa.

O novo programa reduziu o número de habitações e introduziu áreas de comércio viradas para o exterior do edifício. Virado para o pátio existe um restaurante e o museu da marioneta também está presente no corpo do convento. De forma a dar uma maior resposta para o Bairro, foi ainda aberto uma área para a colectividade da Madragoa.

A antiga igreja do convento também sofreu obras de requalificação e hoje em dia realizam-se eventos, exposições, entre outras actividades.

Na análise feita por Daniel Martins[27] ao sucesso desta requalificação, ele afirma que devido ao programa amplo que se apresentou, com uma resposta para os habitantes do antigo convento e do bairro, e ao bom funcionamento destes espaços que correspondem as expectativas projectadas antes desta requalificação, este edifício renovou a vivência, tendo agora moradores do bairro e turistas a usufruírem do espaço. Para os moradores, o pátio apresenta-se agora como uma mais-valia. Se bem que tenha perdido o seu carácter mais reservado, apresenta-se ainda à margem do mundo exterior, transparecendo uma sensação de calma e segurança.

[27] - A análise está contida na Tese de Mestrado com o tema *Renovação e reabilitação de interiores de quarteirão na Baixa Chiado*. Página 56



Fig. 42- O pátio do antigo Convento das Bernardas antes das obras de requalificação



Fig. 43- O pátio do antigo Convento das Bernardas depois das obras de requalificação

O outro exemplo é da autoria de Siza Vieira, localizado no Chiado. Um projecto que surgiu da reconstrução desta área após o grande incêndio que se deflagrou em 1988. No período antes desta catástrofe, o interior do quarteirão não apresentava qualquer uso de recreio, estando ocupados por pequenos anexos espalhados pelo interior. Com a intenção de obter desta reconstrução funções que contribuíssem para o novo plano que estava previsto para o Chiado, o programa apresentou uma maior diversidade, contendo espaços de habitação, comércio e restauração. De forma a respeitar o valor histórico desta área, mantiveram a volumetria e as fachadas de acordo com o pré-existente.

O comércio foi maioritariamente orientado para o exterior do quarteirão, de frente para a rua, e para o interior do quarteirão localizaram-se os espaços de restauração, de forma a conter um atractivo para a entrada e estadia de pessoas que não habita esse bloco. Similar ao exemplo mostrado anteriormente, o pátio abre-se para o mundo exterior, porém de uma forma tão resguardada, que quem passa pela Rua Garret dificilmente repararia neste acesso directo ao pátio se não fossem os anúncios que se encontram na entrada a apresentar direcções para os restaurantes e os espaços comerciais contidos no bloco. Na análise[28] feita por Daniel Martins, este considera mesmo que o «interior do quarteirão, elemento preponderante na vida deste bloco, não só pela movimentação trazida pelos utilizadores ao nível térreo, mas também pela luz e ventilação naturais que oferece aos fogos que para ele convergem».

Nas visitas ao pátio pode-se concluir que a atracção deste espaço resulta de uma posição central em Lisboa, no qual passam pessoas de diversas faixas etárias, classes sociais, que afluem ao Chiado com diversos objectivos (turismo, trabalho, etc…). As esplanadas apresentam-se como um espaço de permanência em que através do pátio revelam um espaço intimista à margem da confusão e do barulho que se apresenta na Rua Garret, ideal para uma pequena evasão temporária do mundo exterior.

[28] - Idem. Página 49



Fig. 44- Vista para o pátio localizado no interior do quarteirão no Chiado

6. Programa do projecto

6.1 Localização

Implantado na cidade de Lisboa, mais concretamente em Belém, o terreno onde o projecto se assenta é delimitado:

- A Norte pela rua da Junqueira;
- A Sul pela Avenida da Índia;
- A Oeste pelo Largo Marquês da Angeja;
- A Este pela Cordoaria Nacional.

6.2 Pré-existências

As referências que encontramos na área circunscrita a este projecto são inúmeras devido a grande carga histórica de Belém. Em proximidade com o terreno onde se implanta o projecto, temos como referências a Cordoaria Nacional, o rio Tejo, o Museu da Electricidade, o Palácio Marquês da Angeja e parte da muralha do antigo Forte da Estrela.

No terreno encontram-se algumas pré-existências que foram demolidas de forma a que pudesse albergar o novo conjunto proposto. Os edifícios devolutos, o barracão camarário, o estacionamento e alguns lotes de habitação em estado de degradação não são integrados no projecto, considerando-se a sua remoção. A frente de quarteirão a Norte que define a Avenida da Junqueira é mantida, e as ruas que rasgam esta pequena frente são aproveitadas como uma referência.

6.3 Intenções Gerais

No local de implantação, na sua configuração actual, encontra-se um grande estacionamento que ocupa grande parte da área onde o projecto se desenvolve. O

programa, de que falaremos mais adiante, foi pensado com o intuito de criar uma frente para este quarteirão e apresentar um programa que se adeqúe melhor a esta área, contribuindo para o bairro e para a própria cidade de lisboa.

Passando pelo local, denota-se que este não apresenta locais de estância. Para além do estacionamento, que claramente não propícia um espaço habitável, podemos notar que as ruas que atravessam o terreno transversalmente, não possuem pontos atractivos, sendo usadas unicamente para o acesso as casas, pelos moradores, e como um espaço corredor de acesso a outras áreas. É com base neste problema que se pretende criar a um projecto que proporcione o habitar colectivo. Recorrendo ao pátio, pretende-se criar um espaço para os utilizadores do conjunto proposto e para os moradores do bairro, onde estes podem encontrar um espaço que permita a sua estância e criar o habitar colectivo numa área que actualmente não detém este carácter. Através dos pátios contidos no projecto, pretende-se estabelecer uma relação entre as diversas funções que cada edifício apresenta, em que estes elementos são configurados de forma a proporcionar o contacto e a relação entre os diversos utilizadores.

Em Belém encontra-se diversos monumentos e edifícios com dimensão, caracterizando a zona como monumental. Apesar disso, na área de intervenção, as moradias que fazem a delimitação a Norte apresentam-se com dimensões modestas, com as ruas transversais a criar rasgos nesta frente que delimita a Rua da Junqueira. É com base nestas condições, que se pretende que o conjunto proposto, apesar das diversas funções que alberga, se apresente fragmentado através das ruas e pátio, respeitando assim as proporções da envolvente edificada.

Um dos desafios propostos no conjunto, é a criação de uma relação com o rio como forma de quebrar a barreira constituída pela Avenida da Índia, os caminhos-de-ferro e a Avenida de Brasília. Esta quebra da relação da cidade com o rio foi abordada nas aulas de projecto, chegando-se mesmo a realizar uma apresentação do plano da Câmara Municipal de Lisboa, que visava quebrar esta barreira. O plano propunha que as avenidas e a linha de comboio fossem rebaixadas, procedendo a uma grande e dispendiosa intervenção num futuro próximo. É com base neste problema já várias vezes abordado, que o conjunto pretende dar resposta e criar uma solução que possa ser mais facilmente adaptada. Através da necessidade de criar uma ponte que fizesse a ligação pedonal entre a cidade e o rio, e que estivesse incluída no conjunto, surgiu a ideia de criar três pontes que prolongassem as ruas transversais do quarteirão. Com esta resposta menos dispendiosa, a cidade apodera-

se das barreiras, passando por cima e criando uma nova cota de referência para as ruas que quebram essas barreiras.

6.4 Níveis de intimidade

As duas avenidas e a linha de comboio que delimitam o projecto a Sul foram marcantes para o desenvolvimento do conjunto junto a estas. Para além de constituírem uma barreira para o rio, estas fazem com que o passeio junto a ela se revele desagradável, fazendo com que muitas pessoas façam o seu percurso através da Rua da Junqueira. É com base nesta evidência que o conjunto no piso térreo se desenvolve para dentro do quarteirão, pretendendo de certa forma voltar as costas para os limites a Sul. As características intimistas do pátio revelam-se fundamentais para que haja a sensação de um espaço onde não há grandes velocidade e se crie uma sensação de lugar protegido à margem do mundo exterior. No piso superior, já mais protegido, o edifício volta-se então para fora, para Sul, aproveitando os campos visuais com o rio, criando espaços de estância e uma rua elevada que dá acesso as pontes que fazem a ligação directa ao rio.

6.5 Funções / programa

O conjunto alberga o seguinte programa:

- Habitação;
-Comércio;
-Escola de formação;
-Espaço de gestação de empresas
-Espaço para exposições e auditórios

As áreas de habitação são destinadas aos alunos das escolas de formação, apresentando uma tipologia de residência com cerca de 750 metros quadrados em cada piso. Como forma de criar laços entre os moradores, o pátio, contido entre as alas da residência, foi pensado como um espaço comum onde estes pudessem disfrutar e conhecer os vizinhos temporários. Com este objectivo, é introduzido no piso térreo, um programa que permita albergar um comércio de rua, tentando dar um maior dinamismo a este pátio e tornando-o num espaço com mais vida.

O espaço de gestação de empresas partilha um dos pátios incluídos no projecto, com a escola de formação. Tendo outra vez o propósito de criar um espaço-comum que proporcionasse o habitar colectivo, este apresenta uma relação directa entre os dois espaços, que ao apresentar-se como um espaço atractivo, poderia eventualmente criar uma relação entre os estudantes e os profissionais, podendo ser propícia a troca de conhecimento profissional.

Os auditórios foram pensados de forma a servir a escola de formação e as empresas que se encontram no conjunto, podendo alojar aulas que se revelem necessitar de maiores dimensões ou então para a apresentação dos produtos desenvolvidos nas empresas. O espaço de exposição também foi desenvolvido com o objectivo de criar incentivo aos estudantes e aos profissionais, podendo também servir como um espaço de apoio aos eventos realizados na Cordoaria e no Museu da Electricidade, devido as suas proximidades e ligações.

7. Conclusão

Fazendo uma análise as características implícitas no pátio, revelando as diversas abordagens e formas de usufruição física e psicológicas deste elemento, foi possível obter uma imagem mais ampla das vantagens e dos potenciais que estão inerentes ao pátio.

Ao analisar as reinterpretações do pátio no movimento moderno, podemos constatar que este elemento não foi excluído das reformas que tanto caracterizou este período. Desde a elevação do pátio as alturas e dos “rasgos” criados na horizontal para proporcionar as vistas, demonstrados nos projectos de Corbusier, até aos casos mais recentes da arquitectura contemporânea de Campos Baeza, podemos verificar uma abordagem mais ousada do pátio, oferecendo uma maior liberdade na concepção deste espaço.

A análise à arquitetura popular portuguesa demonstrou-se fulcral ao percebermos como o pátio é visto como um espaço de trabalho e recreio em muitos dos exemplos referidos. Adaptando-se as necessidades dos seus inquilinos, este apresenta-se em todos os exemplos mencionados, sem grandes ornamentações ou pretensões. A sua simplicidade pretende unicamente dar respostas as condicionantes climáticas, do relevo, culturais, utilitárias e económicas. Visto como uma extensão do habitar e das áreas de trabalho, este espaço revela um carácter de habitar colectivo muito forte.

No estudo da história do pátio na cidade de lisboa, podemos constatar o quanto utilizado foi este elemento e quais as condições que proporcionaram este emprego.
Desde os pátios herdados dos árabes até as vilas operárias, este estudo serviu-nos para melhor visualizar como este espaço era usufruído e, no caso das vilas operárias, perceber que o carácter comunitário dos operários, era retratado directamente no pátio que serviu de elemento de fortemente marcado pela transição deste fluxo migratório do meio rural para o meio urbano.

Com base nos campos que este estudo abrangeu, e nas análises de exemplos diversos, podemos agora ter uma melhor noção do quanto patente está o habitar colectivo no pátio, e ter umas referências de como potenciar essa qualidade.

(11 029 palavras)

8. Bibliografia

Almoyna, Julio Martínez. 1988. *Dicionário de espanhol - português.* Porto : Porto Editora, 1988.

2004. Arquitectura Popular em Portugal, Vol. 1. s.l. : Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 2004.

Blaser, Werner. 2004. *Patios - 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días.* Barcelona : ed. Gustavo Gili, 2004.

Capitel, Antón. 2005. *La arquitectura del patio.* Barcelona : Gustavo Gili, 2005.

Chevalier, Jean and Gheerbrant, Alain . 1982. *Dicionário dos símbolos.* Lisboa : Editorial Teorema, LDA., 1982.

Cidade Oculta - A Vila Operária. **Tomás, Ana Leonor. 2007.** Lisboa : s.n., 2007. Vazios Úteis - Seminário Estudos Urbanos.

Fernandes, José Manuel. 2006. *Arquitectura Portuguesa - uma síntese.* s.l. : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006.

Ferreira, António Gomes. *Dicionário de latim - português.* Porto : Porto Editora.

Leite, Ana Cristina. 1991. *Pátios de Lisboa - Aldeias entre muros.* Lisboa : Gradiva, 1991.

Lopes, Ana Müller. 2005. *Percepção e Forma do Espaço Público Urbano.* Lisboa : Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa, 2005.

Lynch, Kevin. 2011. *A imagem da cidade.* Lisboa : Edições 70, 2011.

Martins, Daniel Freire Borges. 2008. *Renovação e reabilitação de interiores de quarteirão na Baixa Chiado.* Lisboa : Instituto Superior Técnico - Universidade Técnica de Lisboa, 2008.

Oliveira, Ernesto Veiga de and Galhano, Fernando. 2003. *Arquitectura Tradicional Portuguesa.* Lisboa : Sociedade Industrial Gráfica, 2003.

Pátio e vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário. **Pereira, Nuno Teotónio. 1994.** 1994, Análise Social, nº127, pp. 509-524.

Pereira, Monise Campos. 2010. *O pátio interno como arquétipo.* Brasília : Faculdade de Arquitectura e Urbanismo - Universidade de Brasília, 2010.

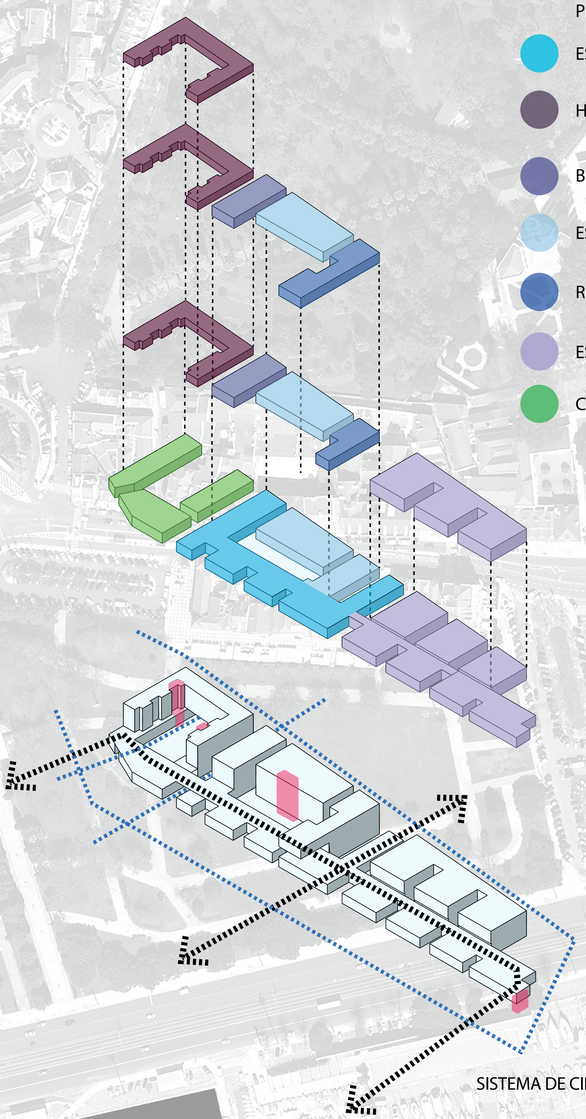
Reis, Nuno Miguel Arenga. 2009. *O saguão na habitação urbana - O interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear.* Lisboa : Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

9. Índice de figuras:

Fig. 1 – Vistas de casas com pátio em Soochow, china. Fonte: *Patios. 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días*, P. 75. 11
Fig. 2 – Perspectiva das fachadas do Inmeubles-Villas. Fonte: *La Arquitectura Del Patio*, P. 163 13
Fig. 3 – Planta dos Inmeubles-Villas. Fonte: *La Arquitectura Del Patio*, P. 163 13
Fig. 4 – Vista da Vila Savoye. Fonte: *La Arquitectura Del Patio*, P. 165 13
Fig. 5 - Planta da Vila Mairea. *Fonte: La Arquitectura Del Patio,* P. 170 14
Fig. 6- Planta do Pavilhão Alemão de Mies Van Der Rohe. Fonte: *Patios. 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días*, P. 146 15
Fig. 7- Vista do Pavilhão Alemão. Fonte: *Patios. 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días*, P. 147 15
Fig. 8- Planta da Casa Sert. Fonte: *Patios. 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días*, P. 171 16
Fig. 9- Vista do pátio através da sala de jantar da Casa Sert. Fonte: *Patios. 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días*, P. 170 16
Fig. 10- Vista da Casa Guerrero. Fonte: http://www.archdaily.com 17
Fig. 11- Vista do pátio da Caja Granada. Fonte: http://www.archdaily.com 18
Fig. 12- Pavilhão Carlos Ramos. Fonte: *El Croquis*, Nº 68-69 18
Fig. 13 – Planta da Igreja de Santo António e Centro Social São Bartolomeu. Fonte: http://www.ultimasreportagens.com/312.php 19
Fig. 14- Planta da casa de lavoura. Fonte: *Arquitectura Tradicional Portuguesa.* P. 104 21
Fig. 15- Perspectiva da casa de lavoura. Fonte: *Arquitectura Tradicional Portuguesa.* P. 104 22
Fig. 16- Planta da Casa de lavoura no Minho. Fonte: *Arquitectura Popular Em Portugal,* Vol. 1, P. 42 23
Fig. 17- Vista da área de lavoura. Fonte: *Arquitectura Popular Em Portugal,* Vol. 1, P. 42 . 23
Fig. 18- Planta da casa. Fonte: *Arquitectura Popular Em Portugal*, Vol. 1, P. 126 24
Fig. 19- Corte transversal à casa. Fonte: *Arquitectura Popular Em Portugal*, Vol. 1, P. 126. 25
Fig. 20- Planta da herdade. Fonte: *Arquitectura Popular Em Portugal,* Vol. 2, P. 234 26
Fig. 21- Planta da quinta no Algarve. Fonte: *Arquitectura Popular Em Portugal*, Vol. 2, P. 318 27
Fig. 22- Vista para o lado aberto do pátio da quinta. Fonte: *Arquitectura Popular Em Portugal*, Vol. 2, P. 319 27
Fig. 23- Vista da entrada para o pátio da Vila Ramos. Fonte: *Pátios de Lisboa.* P. 98 33
Fig. 24- Vista do pátio da Vila Rodrigues. Fonte: Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 35
Fig. 25- Vista da ponte e da escadaria da Vila Rodrigues. Fonte: Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 35
Fig. 26- Entradas para as habitações. Fonte: Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 36
Fig. 27- Objectos que demarcam as vivências no pátio. Fonte: Fotografia De Joaquim Carlos Vieira.. 36

Fig. 28- Entrada para a Vila Luz Pereira. Fonte: Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 37
Fig. 29- Pátio da Vila Luz Pereira. Fonte: http://upfc-colmeal-gois.blogspot.pt 37
Fig. 30- Vista do Páteo Bagatella (antigo pátio do Monteiro). Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 39
Fig. 31- Vista do actual Páteo Bagatella. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 39
Fig. 32- Foto histórica do antigo Pátio Bagatella. Fonte: Fotografia de Maria J. M. Rodrigues. 40
Fig. 33- Foto das habitações no Páteo Bagatella. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 40
Fig. 34- Portão de entrada para a Vila Sousa. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 42
Fig. 35- Corredor de acesso ao pátio. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 42
Fig. 36- Pátio da Vila Sousa. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 42
Fig. 37- Vista da Vila Berta. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 44
Fig. 38- Escadarias do Bairro Estrela D'ouro. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 45
Fig. 39- Galeria contendo algumas marcas de vivências. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 45
Fig. 40- Escadarias do Bairro Estrela D'ouro. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 46
Fig. 41- Galeria com elementos decorativos e estrutura metálica. Fonte : Fotografia De Joaquim Carlos Vieira. 46
Fig. 42- O pátio do antigo Convento das Bernardas antes das obras de requalificação. Fonte: Pátios de Lisboa. P. 78 48
Fig. 43- O pátio do antigo Convento das Bernardas depois das obras de requalificação. Fonte: 48
Fig. 44- Vista para o pátio localizado no interior do quarteirão no Chiado 50

Anexo I – Desenhos técnicos



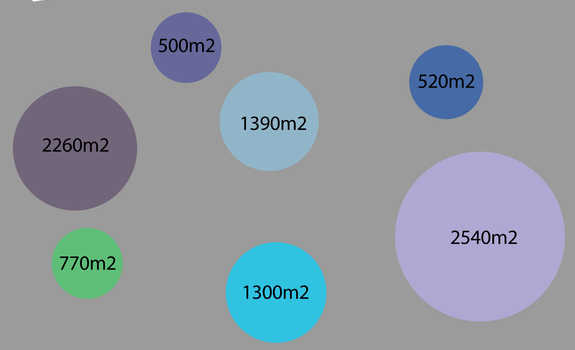
PROGRAMA PROPOSTO

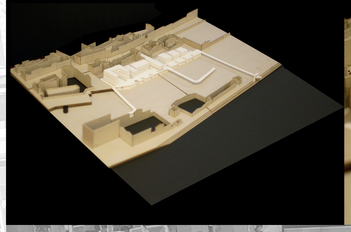
- ESCOLA
- HABITAÇÃO
- BIBLIOTECA
- ESCRITÓRIOS
- REFEITÓRIO
- ESPAÇO DE DIVULGAÇÃO
- COMÉRCIO

SISTEMA DE CIRCULAÇÕES

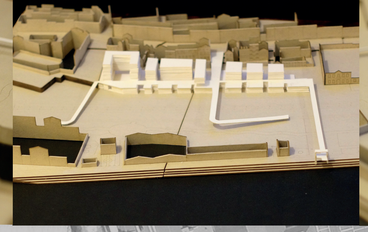
- DISTRIBUIÇÃO HORIZONTAL ELEVADA
- DISTRIBUIÇÃO HORIZONTAL PISO TÉRREO
- DISTRIBUIÇÃO VERTICAL

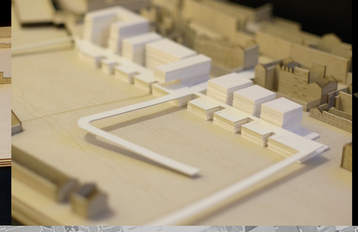
ÁREAS PROPOSTAS/PROGRAMA

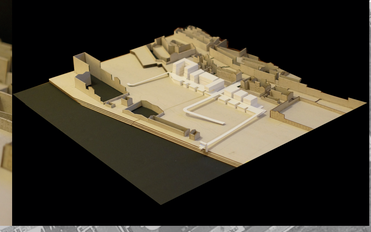




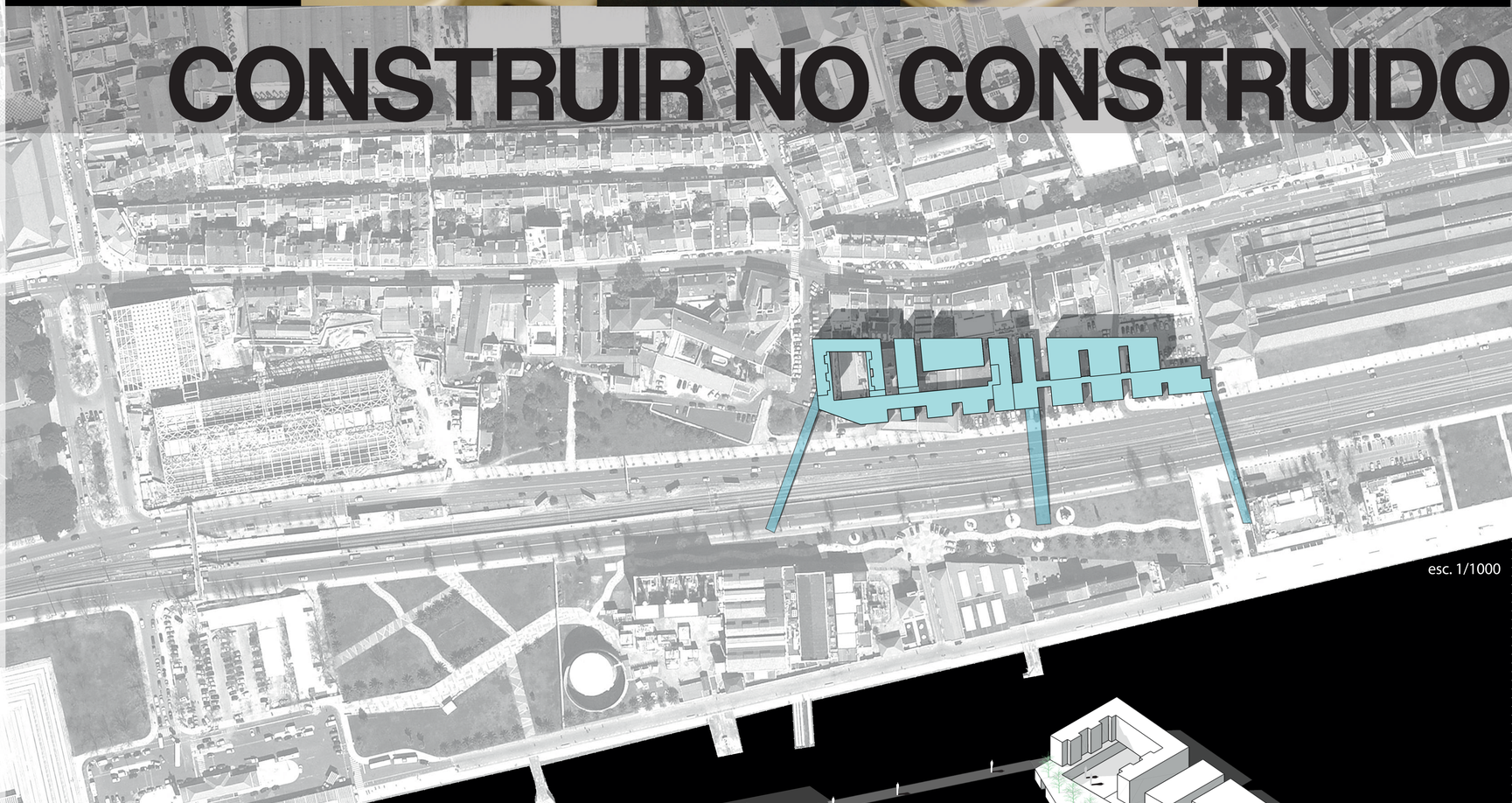








CONSTRUIR NO CONSTRUIDO



esc. 1/1000

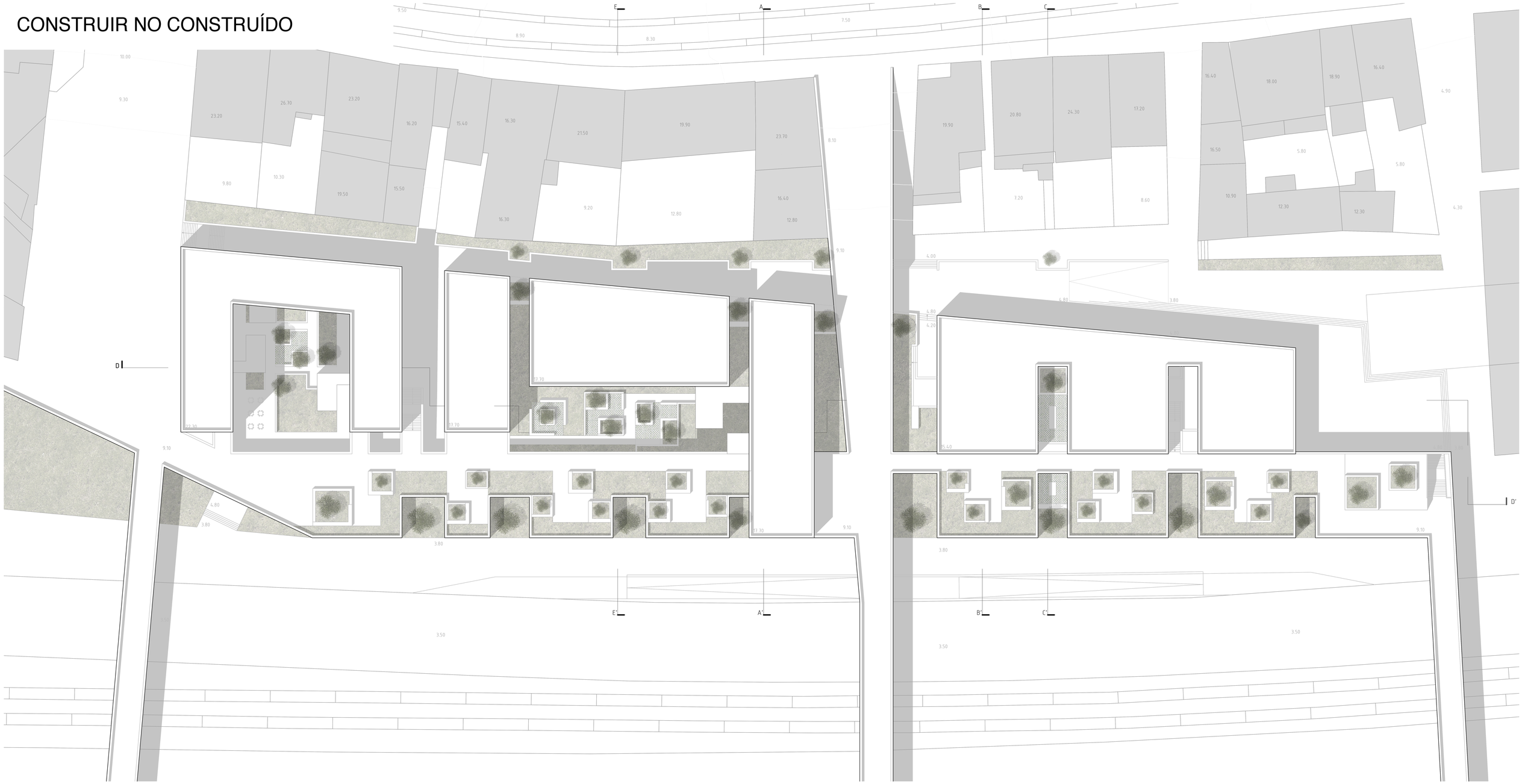


MEMÓRIA DESCRITIVA

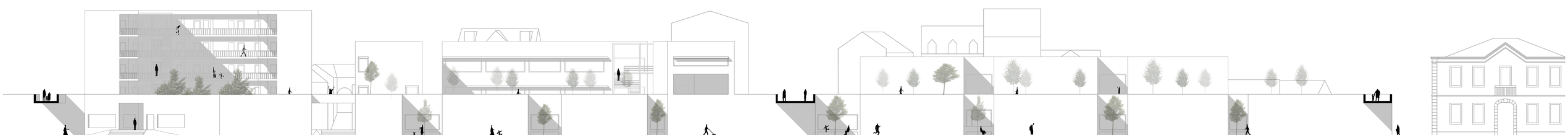
Localizado na cidade de Lisboa, em Belém, este projecto foi implantado no lugar de um estacionamento localizado a este da cordoaria, que compõe a frente do quarteirão, juntamente com alguns edifícios degradados sem valor patrimonial ou arquitectónico.
Propõe-se uma nova frente de quarteirão, que responda ás necessidades da área circundante ao projecto e a Lisboa, aliando os espaços propostos a uma nova solução na ligação da cidade com o rio.
Tendo a Av. da India e a linha de comboio como barreiras fisicas a sul da área de intervenção, fazendo a quebra da ligação com o rio, surge a oportunidade de criar dois niveis de intimidade.
Recorrendo aos pátios á cota da rua, é possivel gerar espaços atrativos que se viram para o interior do quarteirão, tendo estes um caracter mais introvertido. Recorrendo a diferença de cotas a sul, gera-se um plano ajardinado, sobreelevado á cota 6m que faz a ligação visual e física com a frente ribeirinha.

MICHEL VIEIRA I # 5922 I FACULDADE DE ARQUITECTURA I UTL I MI ARQUITECTURA 2012/2013 I
ORIENTADOR: PROFESSOR PAULO PEREIRA ALMEIDA I CO-ORIENTADOR: PROFESSOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO



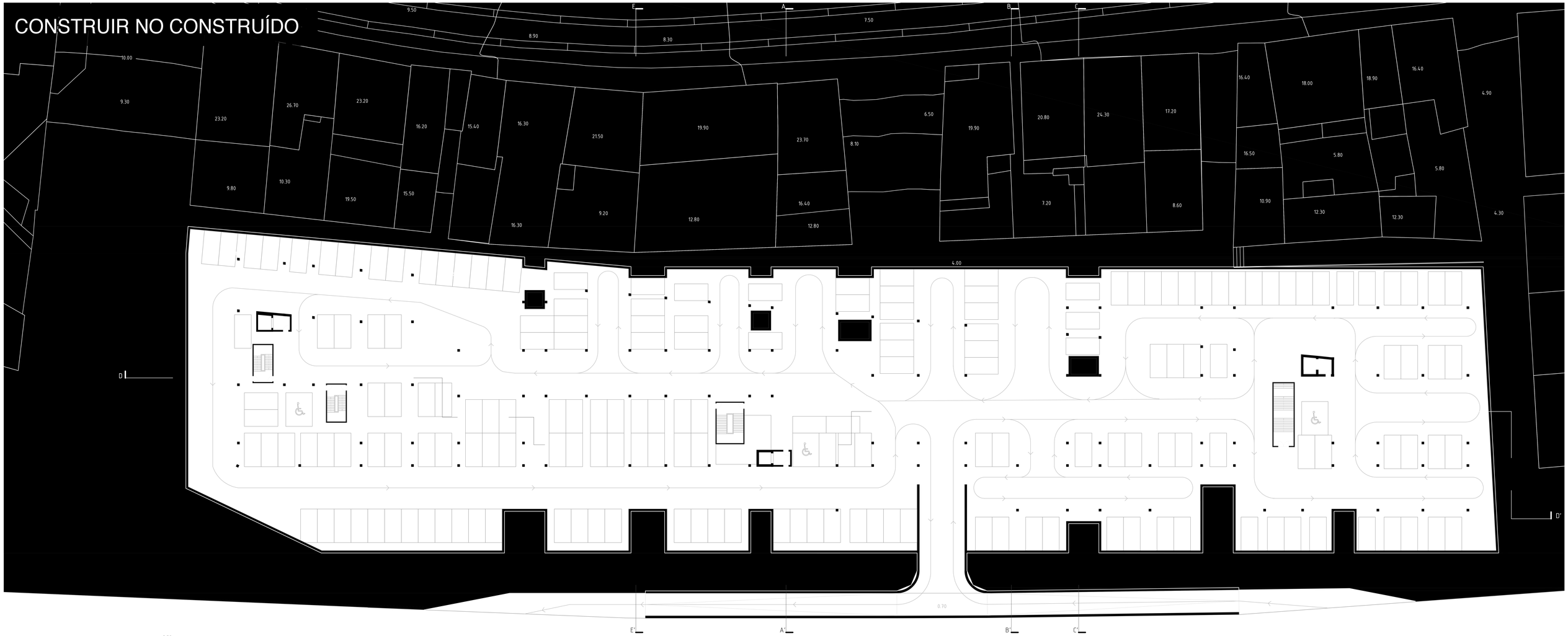
PLANTA DE COBERTURA
ESCALA: 1/200



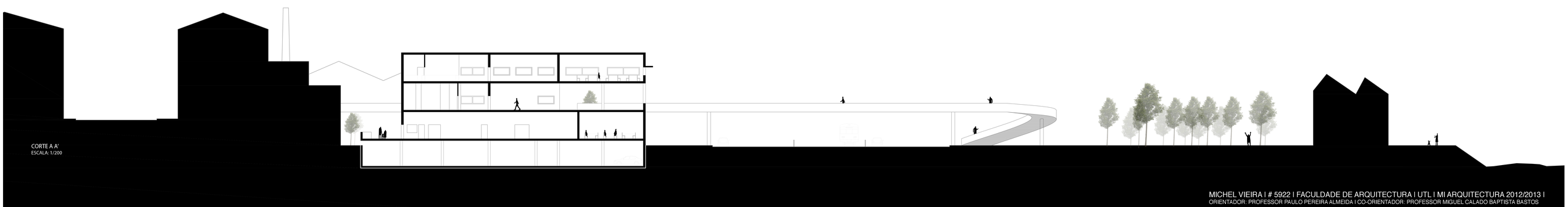
ALÇADO SUL
ESCALA: 1/200

MICHEL VIEIRA I # 5922 I FACULDADE DE ARQUITECTURA I UTL I MI ARQUITECTURA 2012/2013 I
ORIENTADOR: PROFESSOR PAULO PEREIRA ALMEIDA I CO-ORIENTADOR: PROFESSOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO



PLANTA DE COBERTURA
ESCALA: 1/200



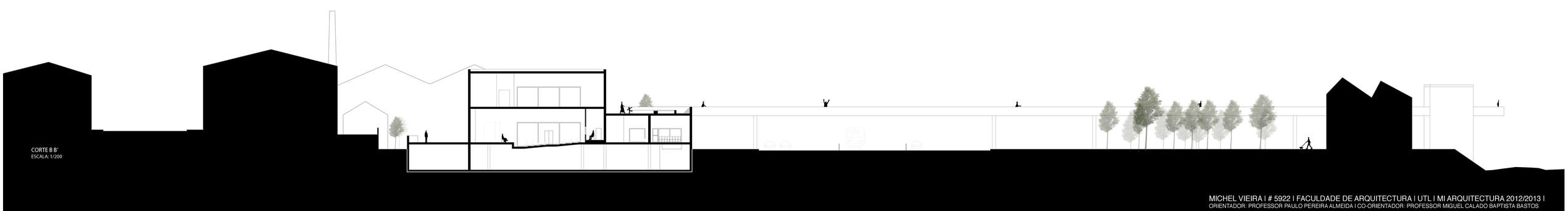
CORTE A A'
ESCALA: 1/200

MICHEL VIEIRA I # 5922 I FACULDADE DE ARQUITECTURA I UTL I MI ARQUITECTURA 2012/2013 I
ORIENTADOR: PROFESSOR PAULO PEREIRA ALMEIDA I CO-ORIENTADOR: PROFESSOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO



PLANTA PISO 0
ESCALA: 1/200



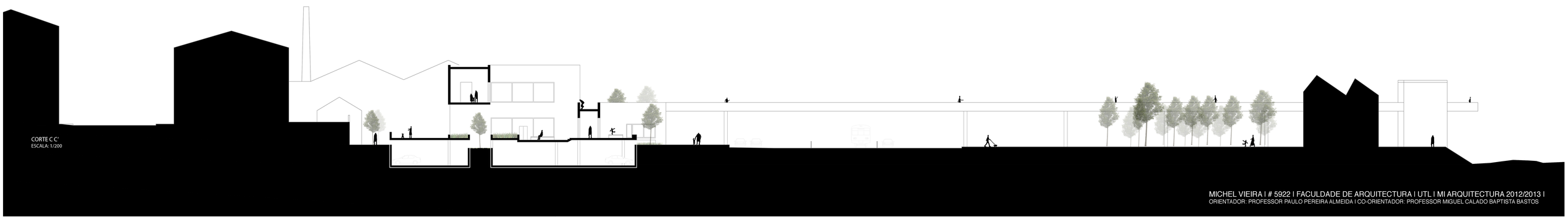
CORTE B B'
ESCALA: 1/200

MICHEL VIEIRA I # 5922 I FACULDADE DE ARQUITECTURA I UTL I MI ARQUITECTURA 2012/2013 I
ORIENTADOR: PROFESSOR PAULO PEREIRA ALMEIDA I CO-ORIENTADOR: PROFESSOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO



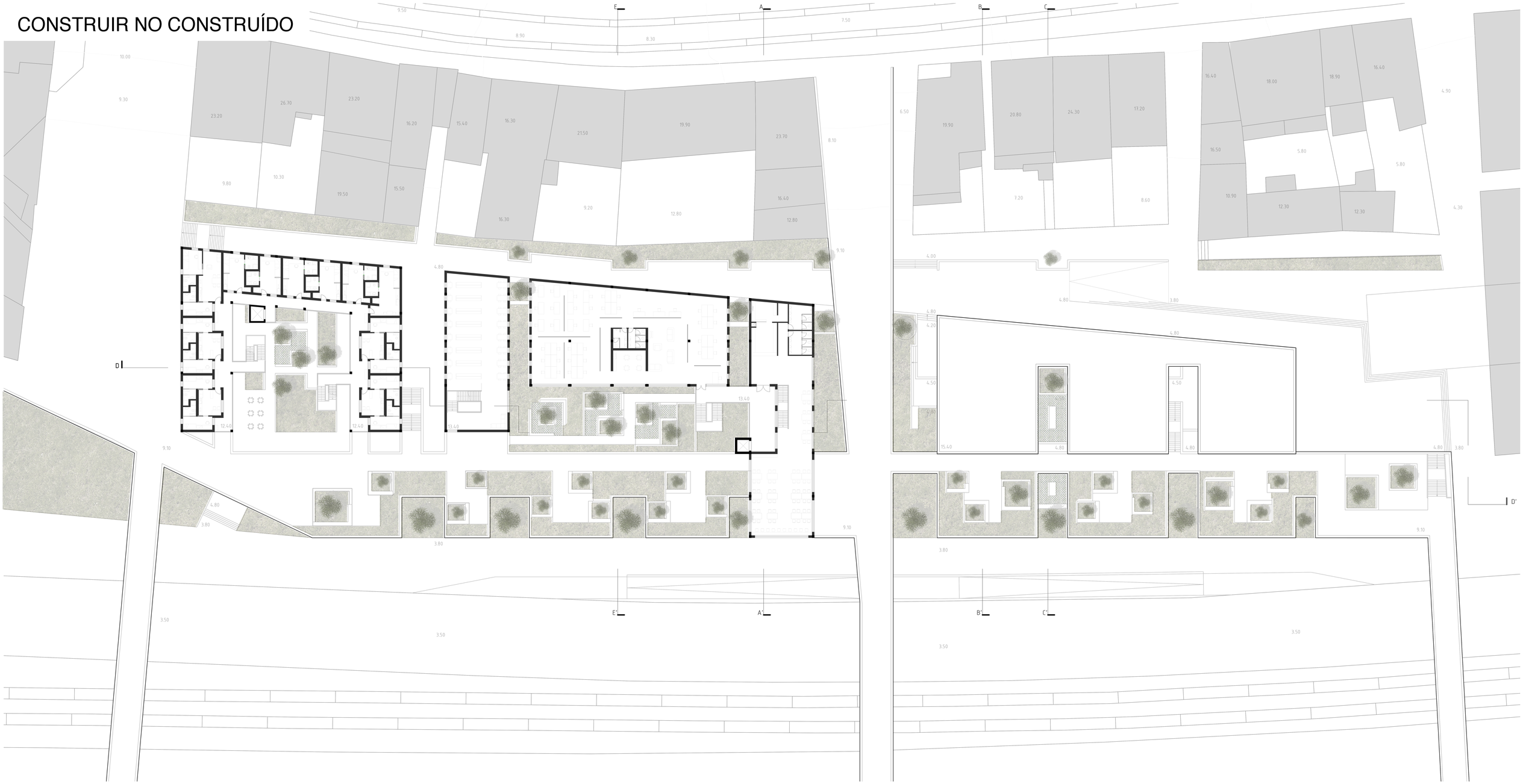
PLANTA PISO 1
ESCALA: 1/200



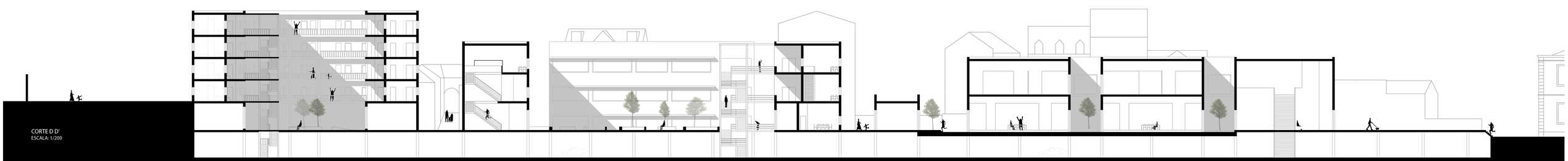
CORTE C C'
ESCALA: 1/200

MICHEL VIEIRA I # 5922 I FACULDADE DE ARQUITECTURA I UTL I MI ARQUITECTURA 2012/2013 I
ORIENTADOR: PROFESSOR PAULO PEREIRA ALMEIDA I CO-ORIENTADOR: PROFESSOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO



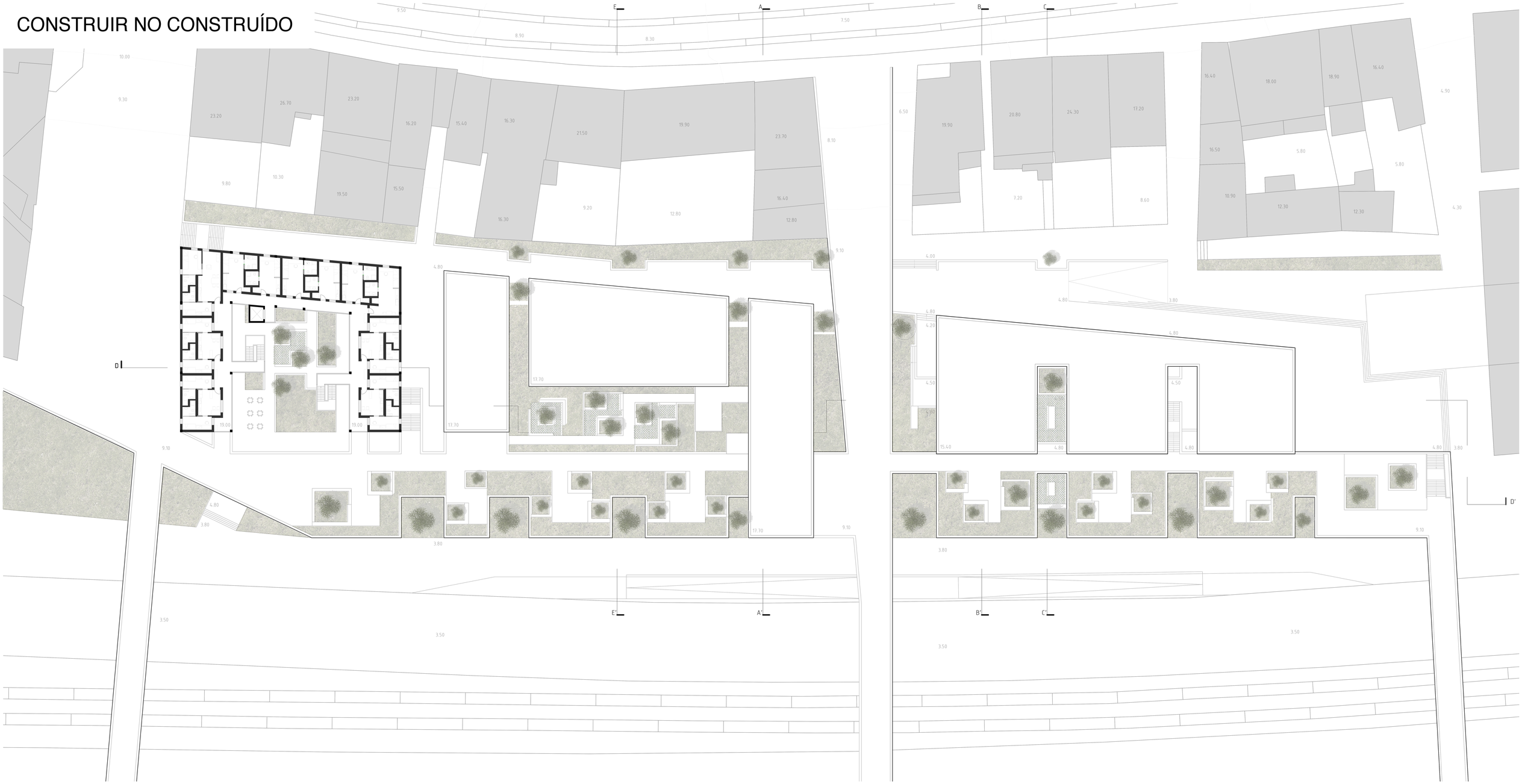
PLANTA PISO 2
ESCALA: 1/200



CORTE D D'
ESCALA: 1/200

MICHEL VIEIRA I # 5922 I FACULDADE DE ARQUITECTURA I UTL I MI ARQUITECTURA 2012/2013 I
ORIENTADOR: PROFESSOR PAULO PEREIRA ALMEIDA I CO-ORIENTADOR: PROFESSOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

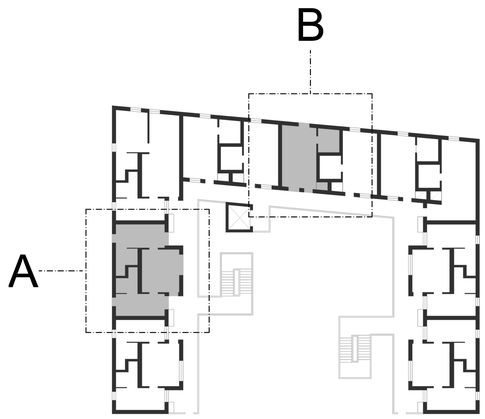


PLANTA PISO 3
ESCALA: 1/200

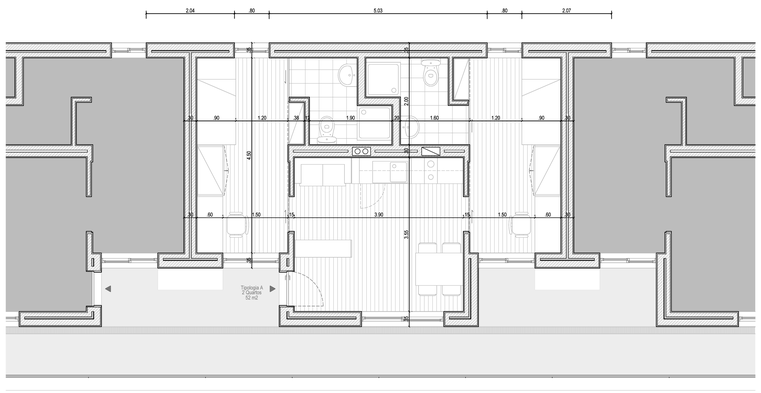
CORTE E E'
ESCALA: 1/200

MICHEL VIEIRA I # 5922 I FACULDADE DE ARQUITECTURA I UTL I MI ARQUITECTURA 2012/2013 I
ORIENTADOR: PROFESSOR PAULO PEREIRA ALMEIDA I CO-ORIENTADOR: PROFESSOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS

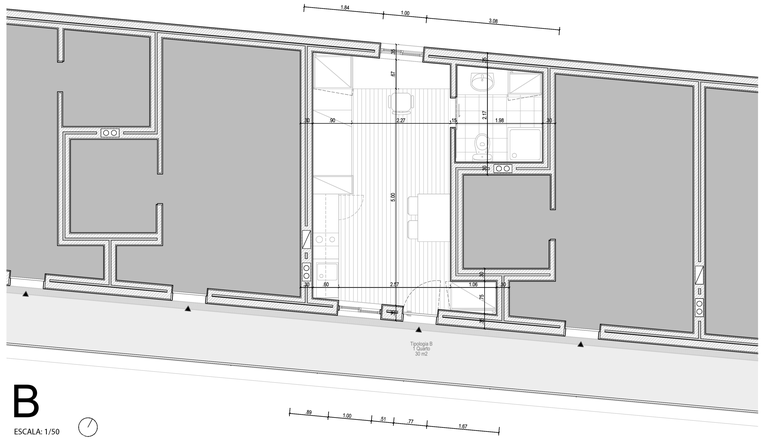
CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO



TIPOLOGIAS
ESCALA: 1/200



A'
ESCALA: 1/50



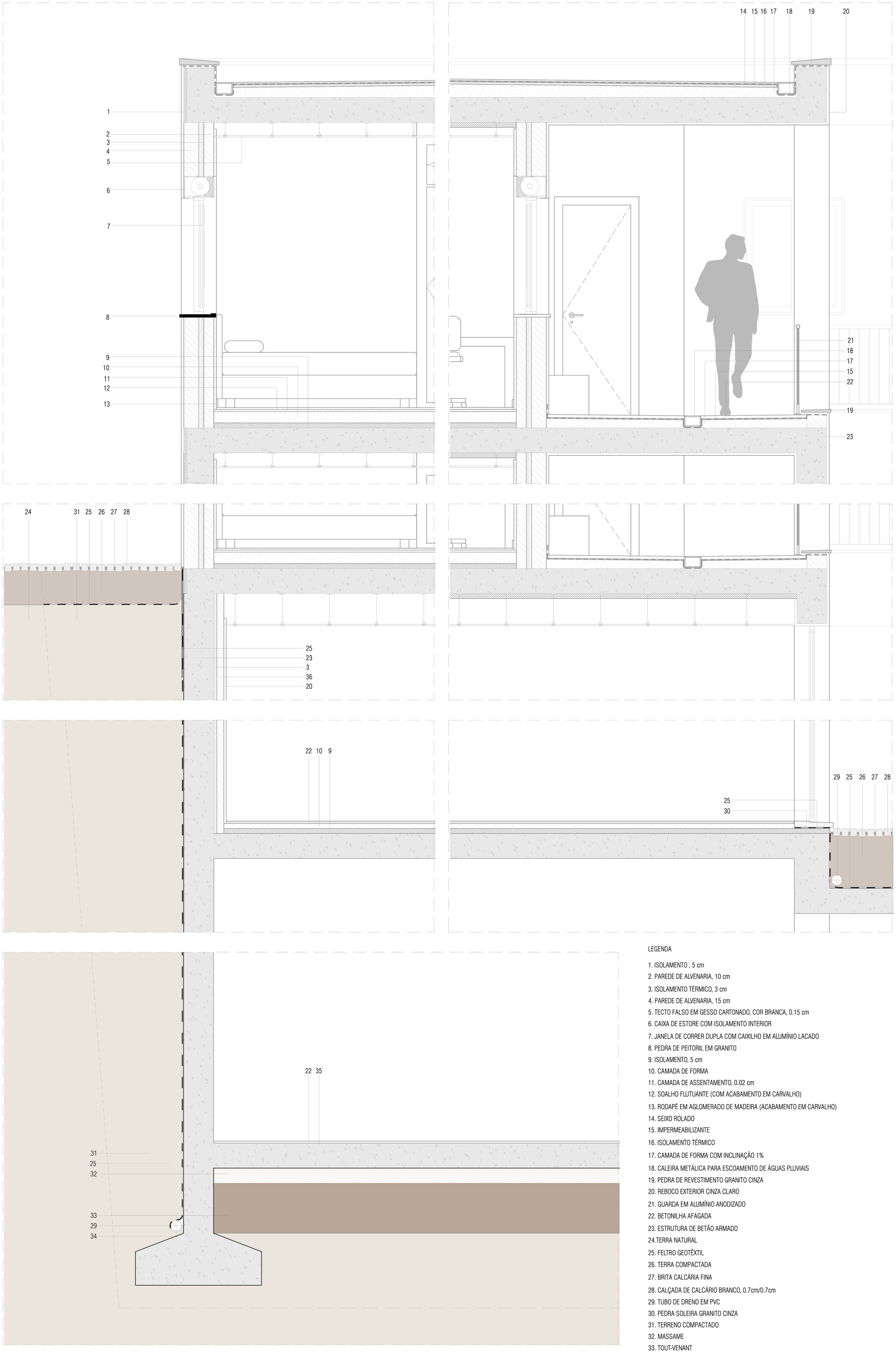
B
ESCALA: 1/50



CORTE A A'
ESCALA: 1/50

MICHEL VIEIRA I # 5922 I FACULDADE DE ARQUITECTURA I UTL I MI ARQUITECTURA 2012/2013 I
ORIENTADOR: PROFESSOR PAULO PEREIRA ALMEIDA I CO-ORIENTADOR: PROFESSOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO



LEGENDA

1. ISOLAMENTO , 5 cm
2. PAREDE DE ALVENARIA, 10 cm
3. ISOLAMENTO TÉRMICO, 3 cm
4. PAREDE DE ALVENARIA, 15 cm
5. TECTO FALSO EM GESSO CARTONADO, COR BRANCA, 0.15 cm
6. CAIXA DE ESTORE COM ISOLAMENTO INTERIOR
7. JANELA DE CORRER DUPLA COM CAIXILHO EM ALUMÍNIO LACADO
8. PEDRA DE PEITORIL EM GRANITO
9. ISOLAMENTO, 5 cm
10. CAMADA DE FORMA
11. CAMADA DE ASSENTAMENTO, 0.02 cm
12. SOALHO FLUTUANTE (COM ACABAMENTO EM CARVALHO)
13. RODAPÉ EM AGLOMERADO DE MADEIRA (ACABAMENTO EM CARVALHO)
14. SEIXO ROLADO
15. IMPERMEABILIZANTE
16. ISOLAMENTO TÉRMICO
17. CAMADA DE FORMA COM INCLINAÇÃO 1%
18. CALEIRA METÁLICA PARA ESCOAMENTO DE ÁGUAS PLUVIAIS
19. PEDRA DE REVESTIMENTO GRANITO CINZA
20. REBOCO EXTERIOR CINZA CLARO
21. GUARDA EM ALUMÍNIO ANODIZADO
22. BETONILHA AFAGADA
23. ESTRUTURA DE BETÃO ARMADO
24.TERRA NATURAL
25. FELTRO GEOTÊXTIL
26. TERRA COMPACTADA
27. BRITA CALCÁRIA FINA
28. CALÇADA DE CALCÁRIO BRANCO, 0.7cm/0.7cm
29. TUBO DE DRENO EM PVC
30. PEDRA SOLEIRA GRANITO CINZA
31. TERRENO COMPACTADO
32. MASSAME
33. TOUT-VENANT
34. SAPATA DE FUNDAÇÃO EM BETÃO ARMADO
35. LAJE EM BETÃO ARMADO
36. PAREDE DE ALVENARIA, 7 cm

PORMENOR CONSTRUCTIVO
ESCALA: 1/200

MICHEL VIEIRA I # 5922 I FACULDADE DE ARQUITECTURA I UTL I MI ARQUITECTURA 2012/2013 I
ORIENTADOR: PROFESSOR PAULO PEREIRA ALMEIDA I CO-ORIENTADOR: PROFESSOR MIGUEL CALADO BAPTISTA BASTOS